

Vida de Minas



BELLO HORIZONTE, 30 DE SETEMBRO DE 1915

Ns. 5 e 6

Avulso \$500

Conforme aviso profusamente distribuido na cidade e publicado no "Minas Geraes", apresentamos hoje aos leitores uma edição especial d'A Vida de Minas, encerrando os ns. 5 e 6. Por motivo inteiramente alheio á nossa vontade, e de que demos conta aos leitores naquelle aviso, deixou de circular com a pontualidade do costume o numero correspondente ao dia 15 do corrente mez. A edição de hoje, que, a julgar pelo esforço despendido, nos parece uma das mais primorosas que temos dado, va ser, de certo, muito bem recebida pelos nossos amigos. 

G. 17C-005
1915, 09. 30
Revista nº 566
2º exemplar

Medicos, Advogados, Dentistas, etc.

Dr. Hugo Werneck

Attende aos clientes das 12 ás 14 horas em sua residencia Av. Tocantins, 499, e das 14 ás 16 em seu consultorio.

RUA DA BAHIA, 1075

Dr. Leontino da Cunha

Clinica medica e doenças nervosas. Residencia e consultorio -- Rua Tupinambás, 973

CONSULTAS DAS 12 ÁS 4
BELLO HORIZONTE

Dr. Jayme Campos

MEDICO

Doenças de nariz, garganta e ouvidos.

Consultorio: Avenida Affonso Penna, 354

Dr. Wallemar Antunes

Clinica medica

Consultorio:

Rua da Bahia n. 1075

Das 12 ás 3 - Telephone, 129

Dr. Juvenal dos Santos

MEDICO

Consultorio: Rua Tupinambás n. 1094

J. Baptista de Faria e

Mario de Castro

Gabinete de clinica odontologica -- Rua Tup. s. 64.

BELLO HORIZONTE

Dr. Godoy Tavares

Residencia: Hotel Central.

Telephone, 475. Consultorio: Avenida Affonso Penna, 354

Das 11 á 1 hora

Dr. Santa Cecilia

Medico-oculista -- Consultorio: Av. Affonso Penna, 354

De 1 ás 3 horas da tarde

Dr. Alfredo Balena

Clinica medica

Avenida Affonso Penna, 354

Dr. Antonio Aleixo

Consultas a qualquer hora

Avenida Affonso Penna, 330

Dr. Carlos Alberto

Pires de Sá

RUA MARANHÃO, 904

Dr. Carlos Accioly Sá

RUA CEARÁ

BELLO HORIZONTE

Dr. Octaviano de Almeida

Operações, partos, gynecologia e vias urinarias.

Residencia: Santa Casa de Misericordia. Telephone, 72. Consultorio: Av. Affonso Penna, 354. De 1 ás 4.

Dr. Eduardo Borges da Costa

Consultas das 2 ás 5 da tarde

RUA DA BAHIA, 1.433

Dr. Levy Coelho

RUA COYAZ

BELLO HORIZONTE

Dr. Maximiano Octavio de Lemos

MEDICO

RUA TUPINAMBÁS, 641

Telephone, 234

BELLO HORIZONTE

Dr. Virgilio Machado

RUA ESPÍRITO SANTO

BELLO HORIZONTE

Dr. João Arcieri

Consultorio cirurgico dentario

Rua do Espírito Santo, 222

BELLO HORIZONTE

**Commendador Evaristo
Gonçalves Machado**

ADVOGADO VITALICIO
Residencia : Rua Claudio Ma-
noel, 693

Dr. Abilio Machado

ADVOGADO
Rua Santa Rita
Bello Horizonte

**Dr. Affonso Penna
Junior**

ADVOGADO
Rua Aymorés
Bello Horizonte

**Dr. Alcides Baptista
Ferreira**

ADVOGADO
Av. Pareopeba
Esquina da rua Espirito Santo
Bello Horizonte

Thereza Benassi

Parteira pela Real Universida-
de de Modena (Italia)
Consultas na Pharmacia Italo-
Brasileira, de 1 ás 2 horas da
tarde. Caetés. 556. Residencia -
Rua Tamoyos, 1034.

Drs. Fabio Prevost Nery

**e
Mario da Silveira Leite**
ADVOGADOS
Rua Rio Novo, 45 -- La goinha
BELLOHORIZONTE

**Dr. Benjamin de
Paula Lima**

ADVOGADO
Rua Guajajaras
Bello Horizonte

**Antonio Donato da
Silveira**

DENTISTA
Avenida Amazonas, 711

Vigilato da Silveira

DENTISTA
Rua da Bahia N. 894

BREVEMENTE

Café S. Paulo

Dr. Bernardino de Lima

ADVOGADO
Rua da Bahia, 1726
Bello Horizonte

Dr. Ernesto Cerqueira

ADVOGADO
Av. João Pinheiro
Bello Horizonte

Dr. Estevam Pinto

ADVOGADO
Rua da Bahia
Bello Horizonte

Dr. F. Mendes Fimentel

ADVOGADO
Rua Guajajaras, 211
Bello Horizonte

Dr. Perculano Cesar

ADVOGADO
Santa Rita Durão, 154
Bello Horizonte

Dr. Jarbas Vidal Gomes

ADVOGADO
Rua Sergipe, 220
Bello Horizonte

Dr. Necesio Tavares

ADVOGADO
Bahia e Tymbi as
Bello Horizonte

JOÃO DE PAULI

Constructor matriculado, en-
carrega-se de qualquer serviço
concernente a arte.
RUA GUARANY N. 225
BELLO HORIZONTE

**Por preços excessivamente modicos acceltam-se
annuncios para os quadros vagos**

Vida de Minas

Director: Cysalpino de Souza e Silva

Collaboradores diversos

Anno I □ BELLO HORIZONTE, 30 DE SETEMBRO DE 1915 □ Nums. 5 e 6

O IRONISTA DAS FARPAS

Ramalho Ortigão não devia ter vivido oitenta annos.

Sente-se que elle insistiu demasiado nesta vida onde só os gosos ephemeros fazem a legitima satisfação da existencia.

E foi quiçá uma ironica vingança dos Máos Fados contra os golpes da Ironia inconoclasta do delicioso ver-rineiro.

Bom, probó, puro — «viveu com honra e trabalhou com valôr». Seus sorrisos de supposta maldade eram de alegria viva e a alegria é a flôr da coragem, como, risonho, a definiu um dia Anatole.

Si na sinuosidade de um sorriso scintillante a velha politica e a antiga conservadora sociedade lusitana descobriam os dardos inclementes de uma perversidade, — todavia a consciencia justa do bello ironista illuminava-lhe a grande alma num jubilo cascalhante e verdadeiramente compensador.

E' que elle visava, — derruindo, reerguer um pedestal em que a argamassa de viva saude moral fosse a garantia solida de uma edificação perenne, estavel, a bem da paz, da quietude e tranquillidade do glorioso lar portuguez.

Para isso foi que elle creou as *Farpas*. Antes de pensar esses volumes onde o escarneo não tem o peso do monolitho que acaçapa matando, mas a levesa ferina de elegantes flammulas que destroem dando vida, Ramalho escreveu as *Historias côr de Rosa* em

que seu sentimentalismo de portuguez começou de forrar-se ao lyrismo branco que as guitarras gemem, por noites de plenilunio, á paz dos casaes, lá na terra que o Tejo sereno beija.

Foi dahi dessas *Historias côr de Rosa*, que brotou a flôr de sua Ironia, para mais tarde sazonar o fructo entrevisto atravez as folhas esplendidas das *Farpas*. Mas, grande Ramalho, que tanto amou Portugal, não o viu jamais tal o sonhara o seu grande espirito luminoso.

Percebeu, numa anniquilladora desolação, a inefficacia de seus dardos scintillantes. E, desesperançado de sua rutilante campanha, envelheceu numa tristeza de prisioneiro, a cujos ouvidos echoassem os queixumes dos irmãos soffredores.

E foi assim que elle morreu: viveu muito e as desillusões, decepcionando-o insistentes vezes nesse demorado cyclo de multiplas dezenas d'annos — crestaram-lhe as petalas de um sonho que lhe seria o consolo affectivo na finalida...e retardada.

Eça escreveu que a Ironia, fazendo-o livre, fel-o justo. Pois que, justo e livre como foi, tenha lá no Além, no *Grande Talvez* de Rabelais, a paz tranquilla que merece o seu espirito — a magnifica scentelha que ha dias se apagou em Portugal com o desaparecimento desse velhinho mordaz que não devia ter vivido oitenta annos...

Milton PRATES

Expediente

A VIDA DE MINAS

Revista quinzenal ilustrada

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Peraopeba, 180, esq. a da rua da Bahia

Director -- GYSSALPINO DE SOUZA E SILVA

Secretario -- JOSE' BRAZ CESARINO FILHO

Acceptam-se agentes devidamente afeançados em todas as localidades mineiras.

ASSIGNATURA

Anno.....	11\$000
Semestre.....	6\$000
Numero avulso.....	\$500

Regressando de sua viagem ao Oeste de Minas, assumiu a gerencia desta revista o sr. Mario Soares Rocha.

AGENTES VIAJANTES

Amador Bueno Horta
Antonio Soares da Rocha
Affonso Rodrigues Malta
Fernando da Silva Barbosa
Francisco Antunes Correia

REPRESENTANTES E AGENTES LOCAES

Alfenas: Dr. F. Magalhães
Barra do Pirahy: Garuso & Zapa
Barbacena: Adelino Azevedo
Bom Successo: José Carlos de Garvalho
Benjamin Constant: Nelson Marques de Magalhães
Campo Bello: José Maia Junior
Cruzeiro: Delbrando Barbieri
Campanha: Paulino de Araujo
Cataguazes: Dr. Sandoval de Azevedo.
Conceição do Serro: Dr. Manoel da Matta Machado,
Curvello: Altino Argemiro
Curvello: Dr. Joaquim de Paula Andrade
Christina: Gysalpino Loureiro
Divinópolis: Braulino & C.
Dóres do Indayá: Pedro Joaquim da Silva
Entre-Rios (Estado do Rio): Luiz Palmieri
Formiga: Aluizio Toscano de Britto
Itaúna: Ivolino de Mattos
Itajubá: João Pinto de Souza
Januária: Martiniano Lopo Montalvão
Lavras: Paulino Marques
Leopoldina: Dr. Gabriel Gonçalves de Almeida.
Marianna: Bento José de Oliveira

Maceió (Estado de Alagoas): Luiz Laverière
Mococa (E. de S. Paulo): Horacio Toledo e Manoel Oca
Montes Claros: José Dias de Sá
Oliveira: Benjamin Maldonado
Ouro Preto: Luiz Fontana
Poços de Caldas: Pedro Henrique
Passos: Coronel José Manoel de Souza e Silva e Capitão José Lemos de Vasconcellos
Perdões: Octavio Alvarenga.
Pitangui: Dr. Teixeira de Salles.
Ponte Nova: Dr. J. Sette Camara
Prados: José Cardoso Valle
Queluz de Minas: Juvenil Meirelles
Rio de Janeiro: Frederico Soria
S. João d'El-Rey: José França Pimentel e Armando B. Cunha
S. João da Ponte: Eloy da Silva Pereira
S. Francisco: Antonio Cruz
S. Domingos do Prata: Dr. Alonso Starling
S. Paulo do Muriahe: Dr. Itagiba de Oliveira.
S. Paulo: Antonio de Maria
Santa Luzia do Garangola: Pharmaceutico Alfredo Magalhães Queiroz.
Santa Rita do Sapucahy: Avelino Garcia Sabará: Padre José Antonio Marques
Santo Antonio do Monte: Orsini Baptista Leite.
Sylvestre Ferraz: Genaro Maia Junior
Santa Luzia do Rio das Velhas: José Silvino
Sele Lagoas: Coronel Alvaro da Gama Gerqueira
S. Gonçalo do Sapucahy: Servulo Raymundo da Silva e Pedro Theodoro da Silva
Tres Corações do Rio Verde: Alvaro Avellar
Ubá: Gorazil de Faria Alvim
Uberaba: Benedicto Pina
Villa Nova de Lima: José de Avila Oliveira
Varginha: Bento Xavier do Prado



Em flagrante

Chronica da Quinzena

Nestes tempos de guerra, em que nós andamos voltados, com interesse, para a Europa ardendo em fogo, a quinzena que passou foi o que se poderia chamar uma quinzena nacional.

Tivemos o Norte e tivemos o sr. Pinheiro Machado.

A nossa piedade nacional pelo Norte repon-tou, desta vez, com renovado ardor e exerceu-se largamente durante a outra semana.

Fez-se aqui o que se tem feito em toda a parte: tombolas, kermesses, bandeira na rua, listas nas portas, conferencias, festivaes de toda a ordem, o diabo!

Houve arenga na Camara, predicas nas Igrejas, lamurias nos jornaes; e este duro governo, sensibilizado, lá abriu a bolsa e deixou escorregar cincoenta contos. Varamos assim uma longa semana, no piedoso afan de amea-lhar o que fosse possível, dando cada qual o que tivesse, para acudir o cearense em apuros.

E si a coisa continuasse, nós seríamos, em pouco, como bem disse o sr. Augusto de Lima, os flagellados do Norte e os flagellados do Sul.

Eu ouço falar que ha secca no Ceará desde que o mundo é mundo.

E ao que me consta, nunca se passou anno em que, por este tempo, as coisas por lá cor- ressem a contento.

O que se sabe é que, mal entra abril, o sol esquenta. Secca os rios, estorrica o pastigo e as roças, o gado entra a morrer todo na es- pinha e o cearense faz a trouxa.

Ahi, o paiz entende que deve manifestar-se: ha um grande movimento de caridade que corre, de norte a sul, publicando-se num ruído, que foi tão detestavel a S. Vicente.

E são, outra vez, as mesmas festas, com o mesmo espalhafato, onde a caridade se exerce facilmente, a dez tostões, em palestra com as senhoras.

Depois, na Camara, um sujeito vocalisa duas horas, citando Humboldt.

O governo lavra um decreto, auctorizando um vago poço, que nunca se fará. E todo o mundo fica contente.

Na anno seguinte, quando se pensa que ha poço, que ha fartura e que o cearense está sacudido, de repente o ceareuse grita que o accudam, sinão morre.

E é outra vez a mesma historia.

Eu, por mim, estou que a secca do Norte é uma necessidade nacional.

Faz a nossa caridade bem publica e bem gaitada, é um assumpto facil para o cavaco e um excellente thema para a rhetorica indigena marinhar em torno, trabalhando na glotte e arredondando a phrase, diante de uma assis- tencia compungida.

E nós estariamos ainda, a esta hora, pele- jando com o mesmo assumpto, si, de repen- te, não acontece o caso do sr. Pinheiro Ma- chado.

O sr. Pinheiro Machado vinha attingindo, ultimamente, na versatilidade da nossa poli- tica, ás proporções d'um problema nacional.

Como problema requeria uma solução.

E nos jornaes, nas Camaras, nos cafés, e ás esquinas,—por toda a parte onde este facun- do paiz, de cigarro nos beiços, boqueja com vagar—assentava-se isto: o tombo no Pinhei- ro.

E manobra politica que se planejasse, plano que se tramasse, trama que se urdisse,—tudo seria com aquelle fim.

Mas o sr. Pinheiro acenava de leve e o paiz curvava-se logo, enfiado, porque o paiz tinha medo, um medo antigo, um medo organico do sr. Pinheiro.

Iamos assim realisando, com ridicula verda- de, aquelle caso pittoresco do guiso, gato e ratazana que vem contado por La Fontaine no seu fabulario.

Nesse afan, a nossa politica tomára, de ha muito tempo, um detestavel sabor de questão pessoal. E entrava, por um retrocesso lasti- mavel de quatro lustres, na regra politica que fez a nullidade das republicas sul-americana- nas.

Até que, enfim, esse tombo no Pinheiro, fi- nalidade precisa de todo um programma poli- tico longamente trabalhado,—foi dado, uma tarde, no salão dum Hotel, a faca, por um padeiro.

Foi uma solução violenta que nos abalou. Mas padeiro que vai á Camara e lê jornaes; e encontra, imprecisamente, em these, no que ouve e no que lê, idéas que tão bem dizem aos seus instinctos, não decidiria, no seu curto entendimento, coisa diversa.

A imprensa, dirão, discutia idéas e princi- pios. Concordo. Mas discutia idéas e princi- pios para um paiz cheio de padeiros.

E ha padeiros ambiciosos que sonham com a immortalidade. Esse, ao que disse, conta com o julgamento da Historia. Pode contar.

A Historia é grande, escreve-se em muitas columnas. E acolhe, com a mesma urbani- dade, para perpetual-os, ás vezes, na mesma pagina, Cambrone—com seu dito e o sr. Americo Werneck com seu gesto...

A. C. F.

OS GRANDES ARTISTAS



Ha vultos superiores—apollíneos na compleição harmoniosa e resistente de um organismo de athleta e possuidores de uma intelligencia de primeira luz, dos quaes se acercando e sentindo-lhes a magestade impressionante dos pensamentos, a gente é forçada a acreditar e a confessar que são os robles da raça.

No carrascal maninho dos physicos doentios e na razoura das vulgaridades intellectuaes, as suas figuras são como os jacarandás das nossas selvas, cujo tronco serenamente vertical zomba das rajadas do vento e cuja rainaria se embebe nas alturas salutaes, sorvendo o oxygeno puro das paragens lavadas de luz e illuminadas de mysterios.

Affonso Arinos é um desses typos predeterminados.

O seu vigor de encantamento é admiravel, revelado na sympathia dominadora do homem franco, com um sorriso aberto e expressivo e um olhar brando e, ao mesmo passo, imperioso e decisivo, manifestado na sua linguagem de ritmos inconfundiveis, movimentada, colorida e sempre nova, capaz de atarantar a sensibilidade mais morna, notadamente quando pinta a vida agreste, os habitos rusticos, as superstições tabarôas.

E' de toda justiça, portanto, o logar que lhe dão na primeira plana dos nossos primeiros artistas da palavra.

Ao revés da grande corrente dos escriptores nacionaes que «habitando embora o nosso chão, foram como forasteiros d'elle, pela inspiração que os guiou, pela côr geral das suas idéas, pelo seu modo particular de sentir, de pensar e de dizer», Affonso Arinos soube sempre amar a terra e o ambiente natal, amor que reguma em auréolas e apotheoses de tudo quanto tem escripto e que forma a sua luminosa bagagem literaria, sentindo, pensando e dizendo como brasileiro.



Affonso Arinos

Com um poder maravilhoso de observação, sabendo adoçar a descriptiva do meio, das paisagens e dos homens, com uma dose abundante de lyrismo, Affonso Arinos, em contos inimitaveis, deixou gravada com um encanto maravilhoso a odysseia de muito sertanejo desabusado, immortalizando no tempo as lendas

mais commoventes que perfumam o viver singello dos caboclos.

Pelo Sertão, em cada um dos seus contos, revela com eloquencia a paixão que o autor alimenta pela sua terra, o respeito pelo seu passado e a esperança na sua raça, o que quer dizer o seu nacionalismo, o seu tradicionalismo.

E não é só naquella collectanea de pequenos romances desenrolados no fundo sertão de nosso paiz, que Affonso Arinos accentua com relevo de excepção o seu carinho por tudo quanto é brasileiro: em toda a sua obra, mesmo nas conferencias publicas, a nota continua sempre vivida e sincera.

Ainda agora, Bello Horizonte ouviu-o numa conferencia em favor das victimas do Norte. O thema apartado foi «Unidade da Patria».

O notavel intellectual, com a serenidade olympica de quem ama e sente, esflorou aquelle thema de uma maneira arrebatadora, fazendo realçar com verdade a urgencia, e a imperiosa necessidade que nos assoberba de unificarmos para a defesa e para o impulscionamento da patria commun.

Mais do que tudo que em seu louvor nos fosse dado exprimir, diz de seu talento, de sua cultura e de seu atticismo artistico este lampejo de ouro e de sol com que o fidalgo autor do *Burity Perdido* encerrou os esplendores de sua conferencia no dia 3 deste, no Theatro Municipal.

.....
«Mas além da patria material e tangivel, temos ainda a alma desta; o seu espirito vivificante, a patria moral enfim, formada da historia, da religião, da lingua, das tradições, dos usos e costumes communs.

E' essa patria moral que nos faz comprehender e amar a patria material. Os antigos acreditavam no *genius loci*. Os gregos povoaram de numes os seus campos, os seus bosques, as suas fontes, as suas praias.

Nós temos tambem as nossas verdes collinas, os nossos limpidos regatos, as nossas maravilhosas cascatas, os nossos ares purissimos, os nossos valles amenos, cercados de ar-



D. Hortencia Jaguaribe de Alencar, que recebeu muitos applausos da assistencia, por occasião da festa no Theatro Municipal, em beneficio das victimas da secca do Norte, em que a eximia pianista tocou escolhidos trechos musicaes.

~~~~~  
vores que são só deste meio. alegrado pelo canto da passarada que é só deste clima. Apesar da absoluta falta de gosto dos nossos proprietarios urbanos, apesar da anarchia architectonica que faz das ruas modernas das grandes cidades brasileiras um museu de fealdades, a casa brasileira conserva o seu typo tradicional na roça. E' um encanto vel-a ainda do alto, caíadinha, na prega de morro onde se aninhou sob o velho cruzeiro de pau, desbotado pelo tempo ou desconjuntado pela ventania.

Ao lado, no desvão das serras ou á margem dos rios, as mattas estendem em linhas caprichosas as frondes verdejantes, matisadas, nesta época do anno, pelas flores do ipé, cujas folhas cahiram todas para darem logar a enor-

## *Álma de Minas*

mes ramalhetes amarelllos, brancos e roxos, que, parece, rebentaram do chão num espasmo luxuriante de primavera.

A essa paizagem casam-se as nossas cantigas, os nossos instrumentos rusticos, as historias que nos embalaram os berços, a crença a cuja luz desabrochou o nosso curioso e inquieto espirito juvenil. Ao vel-a, nós sentimos logo, como o escriptor conterraneo: este ceu purissimo alentou as nossas esperanças de meninos; estes ecos repetiram as nossas primeiras queixas, neste solo se embeberam as nossas primeiras lagrimas. A alma dessa paizagem, para onde quer que andemos longe, nos segue de perto e acompanha—e chama-se a saudade; ella nos sôa aos ouvidos em mysteriosas melodias, onde fluctuam com o refrão de velhas canções, ladridos de vento no coqueiral, gorgolios de passaros familiares; ella se debruça, á calada da noite, sobre os nossos leitos para

murmurar-nos as suas confidencias em fórma de recordações do passado e accender no nosso animo as esperanças do porvir.

E' ella a alma da patria, que ora toca a rebater no sino de cada uma das nossas capellas, concitando-nos a reunirmo-nos contra o perigo commum. E' ella quem nos diz: eu tenho litteratos, e não tenho literatura; eu tenho professores, e não tenho ensino: eu tenho juizes, e não tenho justiça; eu tenho soldados e marinheiros, e não tenho exercito nem marinha; eu tenho homens de Estado, e preciso de governo; eu tenho um grande territorio e não sou ainda uma nação. Congregae-vos, dae vossas mãos uns aos outros, estreitae os vossos laços de união, pois é esta a condição essencial da defesa contra o grande e imminente perigo; fazei emfim viva, palpita-te, inquebrantavel e fecunda a *unidade da patria.*»



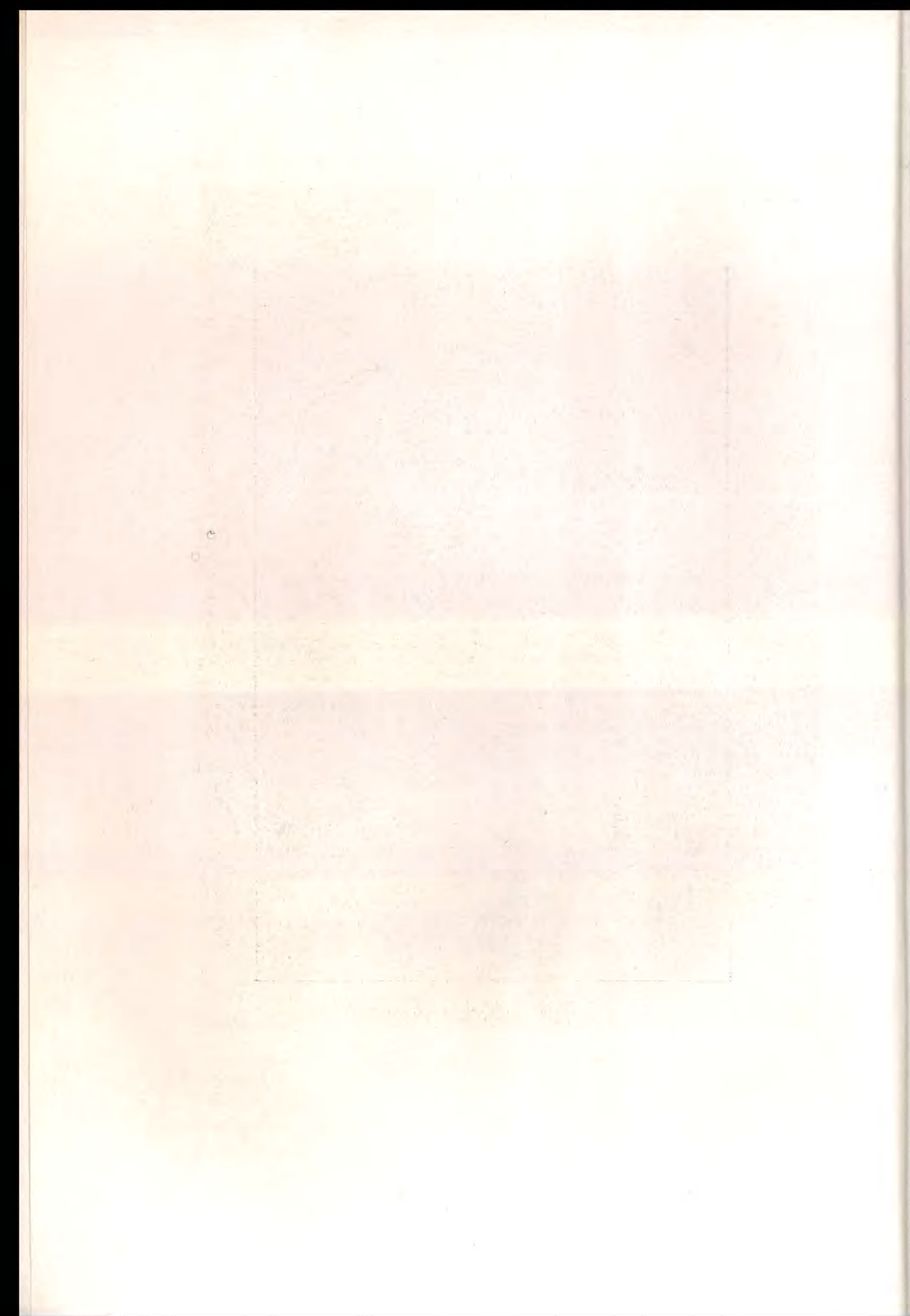
EXCURSÃO PRESIDENCIAL—Aspecto de um dos pa'ços da Escola Agrícola D. Bosco, de Cachoeira do Campo.





Senhorita Aida Gomes Horta

Foto. J. M. Retes





## *Vida de Minas*



EXCURSÃO PRESIDENCIAL — Aspectos colhidos pelo nosso photographo sr. Gines Ribera, durante a visita que fez o sr. Dr. Delfim Moreira, Presidente do Estado, á Escola Agrícola D. Bosco, de Cachoeira do Campo.



## Monoculo

Como nota elegante, avisamos à nossa melhor sociedade que pretendemos, em breve, iniciar o *Corso* de carruagens em Bello Horizonte.

Temos um lugar privilegiado para isso: é a Avenida Affonso Penna, desde a praça 12 de Outubro até o Palácio da Justiça.

Na verdade, a nossa capital que tem bellas avenidas, largas, bem arborizadas, com vistosos edificios, não pôde permanecer mais tempo sem essas festas de rua, que não só encantam aos seus habitantes, mas também despertam a atenção dos estranhos sobre ella.

E o *Corso* que é uma diversão tão seductora! Gosaremos, assim, as nossas amenissimas tardes, em suave passeio pelas nossas avenidas.

Vamos primeiramente interceder junto do sr. Prefeito da Capital, para que promova alguns pequenos nadas, que julgamos indispensaveis para a realização desse nosso *desideratum*.

Vimos á rua da Bahia: Mlles. Cocota Leal, Heleninha, Lucia e Amanda Pinheiro, Maria Auxiliadora de Lima, Maria Candida Halfeld, Chiquita e Carolina Pinto Monteiro, Materna e Nininha Germano, Etelvina Germano, Annita Horta Barbosa, Guiomar e Esther Drummond, Noemi Neves, Julieta Andrade, Ruth Pimentel, Judith Ferreira, Zezé e Lilita Monteiro de Barros, Lucila Magalhães, Julieta Cerqueira, Guiomar Vaz de Mello, Clelia Continentino, Adilia e Bellinha Amador, Zulmira Salles, Marieta de Macedo, Salomé Penna, Elvira de Britto, Cecy Pereira Teixeira, Elisinha e Dodoca Penna, Helena Magalhães, Aurora Gutierrez, Ilka Ferreira, Zezé Coelho, Nair Dan-

tas, Consuelo Coelho, Marocas Resende Costa, Sinhá Frust e Cecilia Gomes Teixeira.

Mmes. Augusto Halfeld, Eduardo Borges da Costa, Bernardino de Lima, Edgard Franzen de Lima, Bernardo Monteiro, Antonio Correia Pinto, José Pedro Drummond, Carlos Neves, Leopoldo Andrade, Cicero Ferreira, Raphael Magalhães, Continentino, Americo de Macedo, Amador, Castorino Magalhães, José Dantas, Coelho Junior, Rodrigues Campos, Alberto Cintra, Leopoldo Gomes, Waldemar Loureiro, Samuel Libanio e Rodolpho Jacob.

—Com licença do «Binoculo»—

«Por infelicidade, a muita gente falta ainda a linha de discretas maneiras, quando em logares de reunião, como nos theatros ou cinemas.

Um habito muito nosso, em casas de diversão, é esse de acompanhar, explicativamente, em voz alta, o desenvolvimento de uma fita ou de um acto.

A cousa é bem conhecida: um cavalheiro assistiu a um espectáculo, gostou e decidiu voltar no dia seguinte, levando toda a respeitavel prole, além de amigos, adherentes e vizinhos. Obtidas collocações juntas, esperam silencio amente o começo da peça.

Uma vez isto acontecido, o cavalheiro da vespéra toma, com convicção, a palavra e minuciosamente vae pondo toda comittiva ao corrente do que está succedendo no palco ou na tela, como do que ha de occorrer ainda até o fim do acto.

E' o repetidor ridiculo do que todos estão nitidamente comprehendendo e é o mais incommodo dos visinhos porque, da sua dissertação methetica, tem de preconceber o espectáculo o infeliz espectador que a sorte lhe collocou á frente ou proximo, e desejava gosar uma impressão artistica integral do que foi apreciar.

E' esse um dos maiores e mais repetidos abusos dos frequentadores das nossas platéas, eternamente bisonhas em materia de bom tom em sociedade. Obrigai um extranho a ouvir contrariadissimo, uma exposição gratuita da peça para assistir á qual pagou do seu bolso—é uma tortura barbara que só encontra justificação no apoucamento social de quem a inflige.

L. Gant





# OLHOS

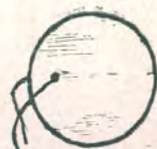
Olhos de perdição, olhos divinos, olhos  
D'onde escorre, profunda, o orquestração da magua,  
Olhos — clarão celeste illuminando escolhos,  
Recifes e parceiros, perdidos á flor d'agua.

Ai! pomos de Asphaltite, entre rosas e abrolhos  
Ai! olhos de ouro a arder no fundo de uma fragua!  
Verteis, olhos tataes, dos ultimos refolhos  
As neves da Laponia e as lavas do Aconcagua.

Olhos que traduzis o amor, a raiva, o ciume,  
A dor envenenada e o timido queixume  
Das illusões finaes, das illusões primeiras...

Angustias immortaes... desejos infinitos...  
Olhos livres e mãos, olhos presos, afflictos,  
No carcere de luz das mysticas olheiras!

Noraldino Lima



## Binoculo

Como nota elegante, avisamos á nossa melhor sociedade que pretendemos, em breve, iniciar o *Corso* de carruagens em Bello Horizonte.

Temos um lugar privilegiado para isso: é a Avenida Affonso Penna, desde a praça 12 de Outubro até o Palácio da Justiça.

Na verdade, a nossa capital que tem bellas avenidas, largas, bem arborizadas, com vistosos edificios, não pôde permanecer mais tempo sem essas festas de rua, que não só encantam aos seus habitantes, mas também despertam a attenção dos estranhos sobre ella.

E o *Corso* que é uma diversão tão seductora! Gosaremos, assim, as nossas amenissimas tardes, em suave passeio pelas nossas avenidas.

Vamos primeiramente interceder junto do sr. Prefeito da Capital, para que promova alguns pequenos nadas, que julgamos indispensaveis para a realisação desse nosso *desideratum*.

Vimos á rua da Bahia: Mlles. Cocota Leal, Heleninha, Lúcia e Amanda Pinheiro, Maria Auxiliadora de Lima, Maria Candida Halfeld, Chiquita e Carolina Pinto Monteiro, Materna e Nininha Germano, Etelvina Germano, Annita Horta Barbosa, Guiomar e Esther Drummond, Noemi Neves, Julietta Andrade, Ruth Pimentel, Judith Ferreira, Zezé e Lilita Monteiro de Barros, Lucila Magalhães, Julieta Cerqueira, Guiomar Vaz de Mello, Clelia Continentino, Adilia e Bellinha Amador, Zulmira Salles, Marieta de Macedo, Salomé Penna, Elvira de Britto, Cecy Pereira Teixeira, Elisinha e Dodôca Penna, Helena Magalhães, Aurora Gutierrez, Ilka Ferreira, Zezé Coelho, Nair Dan-

tas, Consuelo Coelho, Marocas Resende Costa, Sinhá Frust e Cecilia Gomes Teixeira.

Mmes. Augusto Halfeld, Eduardo Borges da Costa, Bernardino de Lima, Edgard Franzen de Lima, Bernardo Monteiro, Antonio Correia Pinto, José Pedro Drummond, Carlos Neves, Leopoldo Andrade, Cicero Ferreira, Raphael Magalhães, Continentino, Americo de Macedo, Amador, Castorino Magalhães, José Dantas, Coelho Junior, Rodrigues Campos, Alberto Cintra, Leopoldo Gomes, Waldemar Loureiro, Samuel Libanio e Rodolpho Jacob.

—Com licença do «Binoculo»—

«Por infelicidade, a muita gente falta ainda a linha de discretas maneiras, quando em logares de reunião, como nos theatros ou cinemas.

Um habito muito nosso, em casas de diversão, é esse de acompanhar, explicativamente, em voz alta, o desenvolvimento de uma fita ou de um acto.

A cousa é bem conhecida: um cavalheiro assistiu a um espectáculo, gostou e decidiu voltar no dia seguinte, levando toda a respeitavel prole, além de amigos, adherentes e vizinhos. Obtidas collocações juntas, esperam silencio amente o começo da peça.

Uma vez isto acontecido, o cavalheiro da vespéra toma, com convicção, a palavra e minuciosamente vae pondo toda comittiva ao corrente do que está succedendo no palco ou na tela, como do que ha de occorrer ainda até o fim do acto.

E' o repetidor ridiculo do que todos estão nitidamente comprehendendo e é o mais incommodo dos visinhos porque, da sua dissertação mesthetica, tem de preconceber o espectáculo o infeliz espectador que a sorte lhe collocou á frente ou proximo, e desejava gosar uma impressão artistica integral do que foi apreciar.

E' esse um dos maiores e mais repetidos abusos dos frequentadores das nossas platéas, eternamente bisonhas em materia de bom tom em sociedade. Obrigai um extranho a ouvir contrariadissimo, uma exposição gratuita da peça para assistir á qual pagou do seu bolso—é uma tortura barbara que só encontra justificação no apoucamento social de quem a inflige.

L. Gant





# OLHOS

Olhos de perdição, olhos divinos, olhos  
D'onde escorre, profunda, o orquestração da magua,  
Olhos — clarão celeste illuminando escolhos,  
Recifes e parceiros, perdidos à flor d'agua.

Ai! pomos de Asphaltite, entre rosas e abrolhos  
Ai! olhos de ouro a arder no fundo de uma fragua!  
Verteis, olhos tataes, dos ultimos refolhos  
As neves da Laponia e as lavas do Aconcagua.

Olhos que traduzis o amor, a raiva, o ciume,  
A dor envenenada e o tímido queixume  
Das illusões finaes, das illusões primeiras...

Angustias immortaes... desejos infinitos...  
Olhos livres e mãos, olhos presos, afflictos,  
No carcere de luz das mysticas olheiras!

**Noraldino Lima**

## Mãe de Minas

Avaliamos quasi sempre os outros pelas opiniões que têm de nós. -- E' por isso que conhecemos menos aquelles que mais julgamos conhecer-nos.

A. Patricio

Eu morrerei sosegado,  
Sem amargura e desgosto,  
Si vir meu beijo enterrado  
Nas covinhas de teu rosto.

Propalam todos os sabios  
Que o fogo queima! -- E' gracejo...  
-- Que vivam sempre os meus labios  
Na fogueira de teu beijo!

Adhemar Viotti

Recusei hontem uma apresentação a um «homem de principios». P'ra que? Um «homem de principios» é um homem conhecido: está impresso.

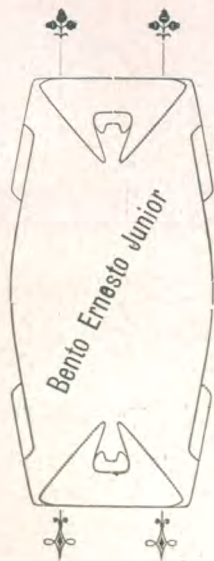
A. Patricio

A moral é um lastro. -- Deita-se fóra p'ra subir.

A. Patricio



Arduininho e Therezinha, filhos do nosso illustre collaborador dr. Arduino Bolivar



## Para onde vão ?

SULLY PRUDHOMME

Não sobem para o céu os que morrem de amor.  
E para que, si o céu não tem goso: iguaes  
Aos fruidos no mundo e si no céu jamais  
Terão elles um mel que o dos beijos melhor ?

Não vão elles tambem ao inferno : o calor  
Dos labios côr de rosa os queimou por demais :  
E as garras de Satan são bem menos fataes  
Que a duvida sem cura e de um desdem o horror.

Onde irão? Que prazer ou que dôr mais aguda  
Hão de ter, si na cova o coração não muda ?  
Terão ainda o pesar e o prazer que aqui têm ?

Para elles como foi a vida céu e inferno,  
— A suprema ventura e o martyrio superno —  
Quando o corpo lhes morre, a alma morre tambem.



GASTÃO ITABIRANO, o poeta de *Polen* publicará, em breve, um novo livro, que poderá consagrar-o um dos melhores artistas do verso, em Minas.

Assim esperamos, não só pela afirmação de talento que foi a sua estréia, mas, principalmente, por conhecermos já alguns dos trabalhos do seu segundo volume de poesias, em que figurarão joias do quilate desta, que offerecemos hoje aos leitores como prelibação do fino prazer espiritual que *Noite* lhes vae proporcionar.

## O Relógio da Fazenda

Depois de finda a costumada prece  
Dormes, fazenda... E' tudo silencioso!  
E o relógio da sala, alto, parece  
O vulto magro de um tuberculoso.

A sós... marcando o tempo .. a hora que cresce...  
Teu companheiro leal em magua e em goso,  
Sempre alli está... de ha muito permanece  
No seu afan, sem somno e sem repouso.

Ha quantos annos vive assim marcando  
O tempo e a vida dos passados entes  
Cuja ausencia, fazenda, ainda hoje choras ?!

E ah! que saudade inmensa inspira quando  
Lhe sae das cordas resequidas, doentes,  
A sua tosse surda e secca de horas...

GASTÃO ITABIRANO

O ANNIVERSARIO DO GOVERNO



A comissão de estudantes das nossas escolas superiores que foi cumprimentar o sr. dr. Delfim Moreira, illustre presidente do Estado, no Palacio da Liberdade, no dia 7 de setembro, pela passagem do primeiro anniversario do seu governo, posando para a nossa objectiva num dos salões do Club Academico

SO'...

Meu pobre relógio! Meu unico companheiro de .... Fico ás vezes no meu quarto a escutar-te attentamente, ouvindo-te cantar e, a procurar, nessa cantiga triste que vaes entoando pelas horas, a alma exilada que trouxeste de algum pendulo velho, numa hora antiga... É's quem me acorda para a Vida, quando, por acaso, me esqueço d'ella, commovido do meu sonho. É's

quem canta á noite, para me adormecer... Outomno... As folhas tombam, lá fora. Também eu serei como uma folha morta, de mãos cruzadas, olheira de goivo e outomno nos olhos.. E tu continuarás cantando, como um somnambulo, como um doido manso, a povoar a sala deserta, a encher de memoria o silencio do meu quarto... Continuarás cantando, somnambulando, meu pobre relógio, meu unico companheiro de Vida...

A.



Ô ANNIVERSÁRIO DO GOVERNO



Exmo. Sr. Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro  
PRESIDENTE DO ESTADO DE MINAS GERAES

No dia do anniversario do seu governo, recebeu o illustre administrador uma imponente manifestação dos academicos de Belo Horizonte, associando-se a essa cirrhosa demonstração de sympathia grande multidão de representantes de todas as classes sociaes. As qualidades de emerito estadista de S. Exc. a cada dia se reafirmam pela competencia, probidade e patriotismo de sua orientação administrativa.

## Historia da mulher do leque branco

(CONTO CHINEZ)

Tchouang-Tseu, do paiz do Soung, era um lettrado que levava sua sabedoria até o desprendimento de todas as cousas passageiras desse mundo; e, como bom chinez que era, tambem não acreditava nas cousas eternas, só lhe restava, para contentar sua alma, a consciencia e a certeza de escapar aos erros communs da humanidade que trabalha e se agita para adquerir inuteis riquezas e honrarias vãs.

Esta satisfação nelle era profunda e por isso Tchoung-Tseu foi proclamado, depois de morto, um ente feliz e digno de inveja.

Posto no mundo por genios desconhecidos, sob um céu verde, entre arbustos em flor, salgueiros e bambús, elle costumava passear sonhando, por esses logares onde vivia sem saber como nem porque.

Certa manhã em que vagava, sem destino, pelas encostas floridas da montanha Nam-Hoa, en-

controu-se, insensivelmente, dentro de um cemiterio onde, segundo o uso do paiz, os mortos repousavam sob monticulos de terra fofa. A' vista dos tumulos innumeraveis que se estendiam até o horizonte, o lettrado meditou sobre o destino dos homens:

Eis ali, disse elle consigo, a encruzilhada onde acabam todos os caminhos da vida. Quando uma vez, se tomou logar na morada dos mortos, não se torna mais a ver a luz do dia !...

Esta idéa que nada tem de singular, resume muito bem a philosophia de Tchoung-Tseu e dos chinezes.

Os chinezes só conhecem uma vida: aquella em que se ve, ao sol, gloria e poesia.

—A egualdade dos homens no tumulto ou os desespera segundo a sua inclinação á serenidade ou á melancolia.

Elles têm, para sua distracção, uma multidão de deuses verdes ou vermelhos que, por vezes, ressuscitam os mortos e exercem a magia que os diverte. Mas Tchoung-Tseu que pertencia á seita orgulhosa dos philosophos, não pedia consolo a dragões de porcellana.

## Notas Sociaes



Exma. sra. d. Margarida Pires



Sr. Ataliba Pires, alto funcçionario dos Correios





NOTAS DE REPORTAGEM -- Sabindo do Prado Mineiro, depois do ultimo *match* de foot-ball

Passeiando assim seu pensamento pelos tumultos, Tchoung-Tseu encontrou uma jovem senhora que trajava vestimentas de luto, isto é uma longa roupa branca, de panno grosseiro e sem costuras. Assentada junto a um tumulo, ella agitava um leque branco sobre a terra fofa que enchia a cova funeraria.

Curioso de conhecer os motivos de uma acção tão extranha, Tchoung-Tseu saudou a jovem senhora com polidez e disse:

—Ousarei perguntar-vos, minha senhora, qual a pessoa que se acha nesse tumulo e porque tendes tanto trabalho em soprar a terra que a recebeu? Eu sou philosopho; procuro as causas eahi está uma que me escapa....

A jovem senhora continuava a agitar o leque. Corou, baixou a cabeça e murmurou algumas palavras que o sabio não ouviu. Elle renovou, varias vezes sua pergunta, mas em vão.

A jovem mulher não lhe prestou mais attenção e parecia que toda sua alma tinha se escapado para a mão que agitava o leque.

Tchoung-Tseu se afastou pezaroso. Bem que reconhecesse que tudo no mundo não passa de vaidade, elle era, por seu natural: muito inclinado a procurar o movel das acções humanas e, particularmente, a das mulheres; esta pequena especie de creatura lhe inspirava uma curiosidade perversa, mas muito viva.

Continuava o sabio, lentamente o seu passeio, —voltando de vez em quando a cabeça para ver ainda o leque que batia o ar como a aza de uma grande borboleta,— quando de repente, uma velha mulher que a principio elle não havia percebido, lhe fez signal para que a seguisse e, arastando para a sombra de um daquelles montes de terra mais elevados que os outros, lhe disse:

—Eu vos ouvi fazer á minha patroa uma pergunta que ella não respondeo. Por um sentimento natural de cortezia, vou satisfazer a vossa curiosidade, na esperanza de que me dareis, em troca, algum dinheiro com que eu possa comprar aos sacerdotes um papel magico que prolongará minha vida.

## Mica de Minas

Tchoung-Tseu tirou de seu bolso uma moeda e a velha falou nestes termos.

«Esta senhora que vistes junto de um tumulto é a senhora Lu, viúva de um letrado chamado Tao que morreu ha uns quinze dias, depois de uma longa doença. Esse tumulto é do seu marido.

Era um casal que se amava ternamente. Mesmo expirando, o sabio Tao não podia resolver a separar-se della e a idéa de a deixar no mundo, na flor da sua idade e da sua belleza, lhe era absolutamente insupportavel. Todavia já estava resignado a isso, pois possuia um genio muito doce e sua alma se submettia, com prazer á necessidade.

Chorando á cabeceira do leito do sr. Tao, que ella não tinha deixado, durante sua doença um só momento, a senhora Lu attestava aos deuses que uão lhe sobreviveria e que havia de partilhar com seu marido o leito mortuario, assim como partilhara o leito conjugal.

Mas o sabio lhe dizia:

—Não faças tal juramento, senhora!

—Então, replicava ella, si eu vos devo sobreviver; si estou condemnada pelos genios a ver ainda a luz do dia quando deixardes de ver, sabeí que não consentirei nunca em ser a mulher de outro e que não terei mais de um esposo, assim como não tenho mais que uma alma....

Mas o sabio lhe diz:

—Não faças tal juramento senhora!...

—Oh! senhor Tao, senhor Tao! deixae-me jurar ao menos que durante cinco annos inteiros eu não me tornarei a casar!....

Mas o sabio lhe diz:

—Não faças tal juramento, senhora! Jurae apenas guardar fielmente minha memoria em quanto a terra não houver seccado sobre o meu tumulto.

A senhora Lu fez então essa grande promessa e o bom senhor Tao feichou os olhos pa a sempre.

O desespero da viúva Lu excedeu tudo o que se pode imaginar. Seus alhos estavam devorados de lagrimas ardentes. Com pontinha cortante de suas unhas ella dilacerava as faces de porcelana....

Mas tudo passa e a torrente dessa dor se esvouou. Tres dias depois da morte de seu marido a tristeza da senhora tinha-se tornada mais humana: appareceu em sua casa um jovem discipulo do pefunto que desejava testemunhar-lhe a parte que tomava em seu grande luto e ella, sabendo disso, julgou, e com razão, que não se podia dispensar de recebê-lo. Fel-o suspirando.

Esse jovem rapaz era bonito e elegante. Conversaram. Elle lhe falou um pouco de seu marido e muito della. Disse-lhe que a achava encantadora e que sentia que a amava....

Ella deixou que elle dissesse....

Despedindo-se, elle prometteu voltar....

A senhora Lu o espera e assentada junto ao tumulto de seu marido, onde a visse, ella passa todo o dia a seccar a terra que o cobre com o sopro de seu leque».

Quando a velha terminou sua narrativa, o sabio Tchoung-Tseu pensou:

—A mocidade é curta; o aguilhão do desejo dá azas ás mulheres novas e aos rapazes.

Afinal de contas a viúva Lu é uma pessoa honesta que não quer trahir sua promessa....

E' um exemplo a ser seguido pelas mulheres brancas da Europa....

A. France



Em grande contentamento,  
Que me faz feliz até,  
Bemdigo esse pé de vento  
Que te poz á mostra o pé.



Um perfume é uma confidencia: é tambem o olhar das flores e, segundo Hello, o seu estilo.

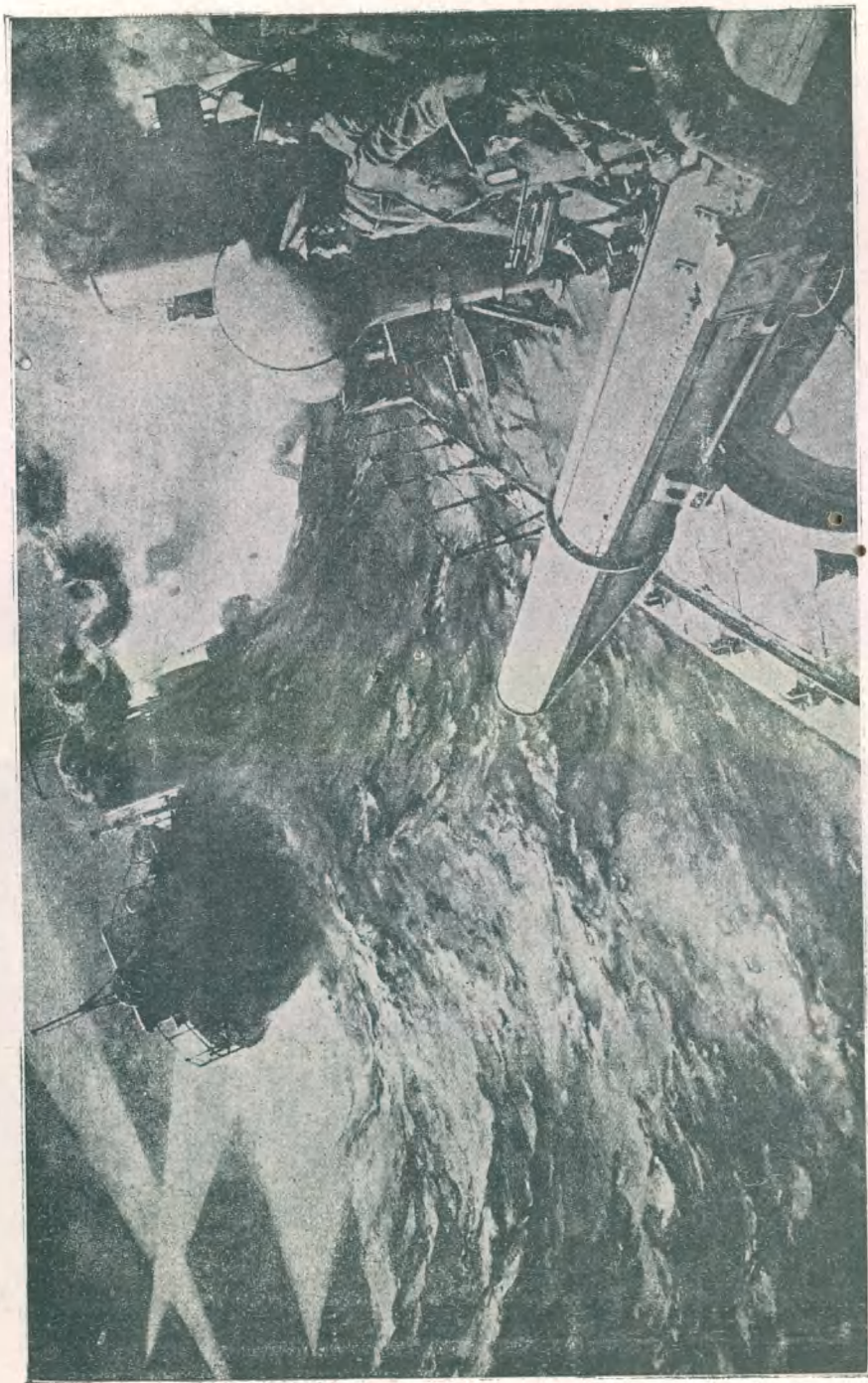
A. Patricio



A interessante Aurea, filhinha do professor Agostinho José de Castro

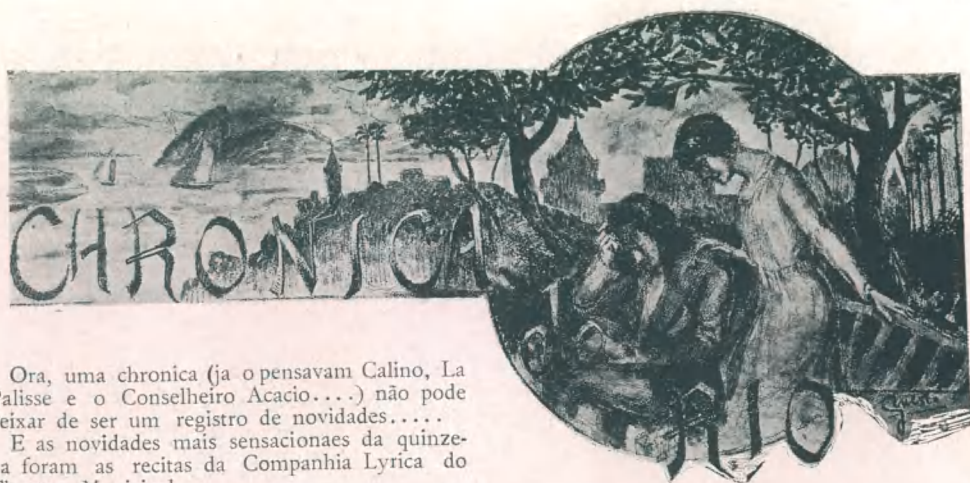


VISÕES DA GUERRA



Os destroyers ingleses, á luz intensa dos holophotes, desafiam os navios de guer a allemães abrigados no porto





Ora, uma chronica (já o pensavam Calino, La Palisse e o Conselheiro Acacio...) não pode deixar de ser um registro de novidades....

E as novidades mais sensacionais da quinzena foram as recitas da Companhia Lyrica do Theatro Municipal.

Eu não vou, todavia, dizer aos leitores horizontinõs o que sejam a *Africana*, a *Tosca*, os *Palhaços* ou a *Cavallaria Rusticana*... A fallalhes de alguma cousa é natural que escolha uma das taes operas novas cantadas pelos artistas da Empresa Walter Mocchi.

O *Rosenkavalier*, por exemplo, que a Companhia cantou com o nome de *Cavalier della Rosa* e com a etiqueta de «commedia lirica»...

Entretanto não é a etiqueta de «comedia lirica» (porém, na realidade, a de «palhaçada lirica») a que conviria ser applicada ao *Cavalheiro da Rosa*...

Richard Strauss e Hugo von Hoffmann-Stahl inauguraram esse genero...

E, effectivamente, desde o *Fidelio*, de Beethoven, que me parece ter sido o primeiro esquisso do genero «comedia lirica» e cujos caracteristicos ficaram mais tarde accentuados com os *Mestres Cantores de Nurenberg* e o *Falstaff* (*Alegres Comadres de Windsor*, de Shakespeare) a cousa tinha outra feição mais sisuda, ou, se preferem, menos «palhaçada». Duvido mesmo que nestes ultimos tempos se tenha conseguido architectar para theatro (que de tal nome se preze...) entrecho mais disparatado e de mais desoladora indigencia de imaginação do que a novidade cantada (e tão bem cantada e executada...) ha dias no «Municipal».

Dir-se-ia uma das facecias «kollossalmente» sem-saboronas do medioevo e quasi canonizado Eulenspiegel.

Imagine-se que começa a cousa por um duetto que o espectador ouve ternamente deliciado, tendo, todavia, deante dos olhos o desnecessario

impudor de um thalamo em scena: uma princeza quarentona (a sra. Rosa Raisa) agarrada em idyllio por solfa com o mancebo Octavio (sra. della Rizza).

Cousas que as «Delikatessen» germanicas (sem *calembour*...) bem poderiam ter deixado de copiar de qualquer daquellas escabrosidades do jaez da *Ecole des vieilles Femmes*, do excepçionado Jean Lorrain, obra que, por signal, ninguem se lembrou em França de musicar.

Um *freiherr* qualquer, *vieux gaga* que dá pelo nome ponteagudo e pouco idyllico de Ochs von... Weissichnichtwas, apparece, interrompe o idyllio e, emquanto discreta com a princeza quarentona a respeito do seu proximo casamento com Sophia, vae emprehendendo a conquista de Octavio (já então «disfarçado em creada») e que é justamente indigitado para Cavalheiro da Rosa, isto é, para portador da Rosa de Prata, presente nupcial do *vieux gaga* á filha do burguez apatacado que, pelos modos, vae «dourar o braço» do pascacio fidalgo.

No segundo acto Octavio, o formoso e «fatal» ephebo, a que só faltam a melancholia e o punhal de Antony, mal crava o olhar na noiva do «outro», sente-se logo e logo perdidinho de amores por ella....

Ella... idem... idem... E, dahi, novo e delicioso duetto.

Mas (resumamos na entrevista que no terceiro acto o absurdo *Freiherr* vae ter com a supposta creada (Octavio) os acontecimentos se precipitam, grande algazarra na orchestra, o escandalo explode e a orchestra recrudescer na inexpressiva algazarra, para se concluir com o casamento da dinheirosa burguezinha com Octavio.



Altruismo ou, se acharem melhor, prova de gratidão da quarentona princeza, que retribue desta forma as carícias de que Richard Strauss e von Hoimannsthal nos deram realistas amostras no primeiro acto.

O Strauss do *Cavalheiro da Rosa* não é naturalmente o da *Salomé*. As esploções orchestraes que traduzem o hystericismo e o singular sadismo da filha de Herodias não deveriam ter nunca, está claro, o mesmo colorido que as gatinhas que nuançam as proezas do erotismo buffo do Barão Ochs.

Mas não me pareceu que Strauss houvesse conseguido traduzil-o bem.... A's vezes apparecem, a justificar o *wiener Blut* do viennense filho do viennense Johann Strauss «motivos» de walsas que certamente não vieram accrescentar grande numero de louros á corôa de glórias que as côrtes e os esthetas austro-allemaes decretaram para o autor da *Salomé*.

Preferimol-o especialmente nas paginas amo-

rosas e ternas, que a todos inebriaram e nas quaes elle consegue muitas vezes uma expressão de delicadeza e meiguice, sempre aquecida pelo *cachet* de sensualidades que julgo, de resto, constituir o fundo de sua emotividade.

Lembre-se para comproval-o a tendencia dos assumptos eleitos, pelo menos em trabalhos que delle conheço: *Salomé* e esse *Cavalheiro da Rosa*.

Da interpretação só se pode, por um dever de inteira justiça, dizer bem. E ali estão para proval-o os applausos reiterados ao baixo Cirino (o barão) as Senhoras Raisa, della Rizza (um Octavio realmente irresistivel) e Maria Rossi.

Xyz.

—\*\*\*—  
Um olho arrisquei na fresta,  
Em busca da imagem tua...  
Tua mãe, velha funesta  
Mostrou-me o olho da rua.

### VISÕES DA GUERRA



O soldado francez, na fronteira, cuida de limpar as suas armas, carinhosamente, enquanto se prepara a sua alimentação,

## *Vida de Minas*



O encerramento do Congresso Mineiro — Aspectos da Praça da Liberdade, no dia 15 de setembro, por ocasião da parada militar.





Phot. J. M. Retes

UM GRANDE FESTIVAL — Senhorita Marieta de Andrade, admirada  
musicista que tomou parte na festa do Theatro Municipal.





## *Wida de Minas*



**Grande** festival em benefício das victimas  
da secca do Norte



Senhoras e senhoritas que tomaram parte nos diversos numeros do programma. — O  
conferencista, dr. Affonso Arinos. — Côro dos violinos e bandolinos.

## Prosa Amarella

EM PRADOS

A morte do general Pinheiro Machado, tal como se deu e no momento em que se deu, foi uma felicidade... para elle; porque, no fim de contas, é muito menos doloroso um homem cahir varado pela facada de um maluco do que morrer consumido pelo nojo.

Eu nunca vi organismo tão bem arrumado como aquelle; que tão valentemente combatesse as náuseas, que com tanta vantagem dominasse os engulhos; mas, enfim, elle havia de ceder, por ser humano. E, —visto isso,— exactamente naquella resistencia é que estava o mal, o lado ruim da questão. Quanto mais aturasse a reacção contra a sujidade malcheirosa do nosso ambiente politico, tanto mais lenta havia de ser a agonia (e, por consequente, mais cruel).

Reflicta V. S. devagar, raciocine direito aqui commigo e diga-me depois, com toda

### UM GRANDE FESTIVAL



A senhorita Maria de Lourdes, intelligente virtuose que tocou violino no ultimo festival beneficente do Theatro Municipal.



A intelligente senhorita Martha Costa, filha do sr. professor Antonio Americo da Costa, director do Grupo Escolar.

limpeza de alma, se pode haver quem supporte tamanha porcaria sem, pelo menos, morrer. Porque a ver lade é que nós somos indecetes. Isto é: não me refiro a V. S., não me refiro a ninguém; apenas falo de mim mesmo. Não sou homem para andar faltando com o respeito devido ao proximo.

Mas veja V. S. si a cousa não é como lhe digo.

O general Pinheiro Machado vivia, nestes ultimos tempos, numa atmosphera carregada de odios. O que, principalmente, assim carregou a atmosphera foram os males que nos estragaram pelo governo passado. A auctoria desse governo e a paternidade de taes males ficaram irremediavelmente pesando nos hombros daquelle chefe. Acabou-se. No entanto, V. S. bem sabe que a culpa não era delle só: era minha tambem, como vae ver.

Quando se levantou a candidatura Hermes, eu logo procurei a dianteira. Gritei cada viva desta altura ou fiz cada discurso deste com-



### NOTAS SOCIAES



O Dr. Octavio Coelho de Magalhães, professor de Physiologia da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte e distincto discipulo de Oswaldo Cruz, casou-se no dia 9 do corrente mez com a gentilissima senhorinha Wanda de Figueiredo, dilecta filha da exma. sra. d. Carolina de Figueiredo.

primento; e, quando a maioria me applicava pescções, eu corria a exhibir a intumescencia e a vermelhidão deixadas pelas murras, para que toda gente visse (todo o governo, sobretudo) que a minha cara era uma cara patriótica que se sacrificava em sopapos pela felicidade do paiz e se offerecia em holocausto á salvação nacional. Fiz propagandas de mil formas, subornei, comprimi, falcatruiei; e, depois do homem empoleirado na cadeira governamental, eu, — si não pude chamar a mim, exclusivamente, a gloria daquelle empoleiramento (porque, enfim, reconheci que Deus não era obrigado a me ajudar tanto quanto eu desejava), reclamei della o mais que pude e ganhei menos do que pretendi.

Comi esganadamente a paga dos meus serviços; mas, fosse por a fome ser maior do que a razão ou fosse por a razão ser menor do que a fome, no fim eu fiquei zangado. Sumiam-se na mangedoura as derradeiras lambujens. O vozerio ia crescendo muito, enquanto o sol desçambava. Isto é o mesmo que

dizer: era a hora da onça beber agua. E, como era tempo de cuidar do futuro, resolvi desfazer-me do meu pedaço de gloria, que já ia sendo,—está claro,—uma propriedade onerosa para quem carecia de entrar em boas relações com a opinião nacional.

Diga uma cousa: fui decente? Por Nossa Senhora que não fui.

Collaborei com o governo, emprestando-lhe a minha responsabilidade sem restricções e dando-lhe o meu applauso sem vergonha. Gabei-me de tudo isso. Encomendei bombardeios que me abrissem passagem para novas posições e desfructei largamente essa encomenda. Mas V. S. bem sabe: nem tudo sahe como a gente deseja. E, no fim, eu fiquei zangado. *Dei o fóra.* E' humano. V. S. comprehende. Deixei sósinho o general. Elle era um homem de coragem. Aguentou firme até o fim e acabou morrendo de coragem.

Não o estou defendendo, não: estou me accusando, apenas.

Porque a verdade é que elle morreu por nós dous e eu ajudei a matal-o. Entendeu?



Major Getulio Manso da Fonseca, intelligente official da Força Publica e commandante do corpo de cavallaria, que festejou, ha dias, o primeiro anniversario de sua creação.

## Mida de Minas



RAPOSOS — Aspecto colhido da estação, vendo-se ao alto a antiquíssima egreja matriz local.

Condemno ainda todos os seus erros, que foram muitos e tremendos; mas é honesto que eu procure tomar á sua memoria a parte que me deve caber na responsabilidade dos seus crimes. E' isto o que estou fazendo. Depois, a Historia que nos julgue. Dou muito pouco pela minha sorte, porque não levo, como o meu companheiro de banco, virtudes extraordinarias e extraordinarios serviços que possam modificar a feição dos meus grandes erros.

E V. S. poderá dizer-me, com certeza, si os crimes e erros do politico assassinado pertencem mais a elle proprio, ás suas ambições de mando, ao feitiço do seu temperamento e aos defeitos da sua educação republicana do que á subserviência dos nossos homens, á falta de coragem delles, á sua falta de civismo, de amor honesto ao paiz e ás instituições? Mas não é preciso que me responda, não: o que é preciso é que me faça o favor de emprestar cinco mil réis com que eu possa comprar um pedaço de corda, e, depois, ir ver se encontro por ali alguma figueira projectando na estrada a larga sombra escura. Quero morrer de indecência; e só não levarei a effeito o meu intento se vir que a nação precisa dos meus serviços para collocar na presidência da Republica aquelle emerito estadista, preclaro cidadão e inextinguível patriota que nos ha de governar no quadriennio que vem.

THIAGO BRIGOSO



EM CAMPANHA — Senhorita Carmen Menezes, filha do coronel Alvaro Menezes.





## **General Pinheiro Machado**

O extraordinário gaúcho que foi o político de maior poder e de maior prestígio, entre quantos o Brasil tem tido até hoje, verdadeiro gigante da nossa raça, viciado pelo punhal assassino no Hotel dos Estrangeiros. A população do Rio de Janeiro que sempre o odiou e a imprensa livre do país, que sempre combateu os seus processos e a sua influência, deram uma alevantada demonstração de cultura e souberam honrar a nossa civilização, condenando o atentado de Paiva Manso e perfilando-se silenciosamente ao passar pelas ruas da cidade o feretro que levava os despojos do senador riograndense para o cemitério de sua terra natal.

## *Álbum de Minas*

EM CARATINGA



A gentilissima senhorita Antonietta Fernandes, professora diplomada pela Escola Normal de Ponte Nova.

**Na minha** terra ha um caso interessante de insexualidade por inversão de funções. E' o caso de *sia* Raymunda. *Sia* Raymunda é professora do grupo. Entrada em annos, de cangote gordo e barba dura no queixal, resolveu casar.

Topou um sujeito meio alfaia-te, meio sacristão, mais moço do que ella dez annos, typo evidentemente maricas, com uma grande queda para a preguiça e para a obesidade.

Casou com elle. No fim do cyclo preciso, apanhou um filho.

E então, passou a trancar o marido em casa, a cuidar do pequeno, enquanto ia para o grupo, para os deveres do officio.

Era ella quem velava pela economia interna da casa. O outro o que fazia era engordar, deitar barriga, numa vida madraça em que a sua maior occupação era mudar os panos ao pequeno.

Perdeu assim a individualidade propria, esquecido de si mesmo, para deixar-se apenas dominar pelo habito de sua função.

Por isso a quem lhe perguntava quem era, respondia muito naturalmente "que era o marido de *sia* Raymunda".

---

A Arte é a grande educadora dos homens. A sociedade deve mais a ella do que a qualquer religião ou philosophia. — *Miguel Mello*.

---



O intelligente commerciante Jacques Wallach, muito conhecido nesta Capital, em seu uniforme de soldado francez.





Consuelo e Joaquim, filhinhos do dr. João Ferreira Machado, distinto clinico residente no Oeste de Minas.

### **Diário de um doído**

SEGUNDA FEIRA. Volto de uma festa literaria. Estou fatigado. Uma linda conferencia humoristica, intercotada de paradoxos interessantes e, mais que isso, delicado espirito fino que, infelizmente, muita gente boa não percebeu.

Ao meu lado uma moça se agoniava no afan de manifestar que ella, perspicaz, entendia aquella cousa toda. Quando o conferencista citava versos francezes, minha ladina visinha levava a rosada mãosinha em concha até aos ouvidos e, finda a citação, riscava um sorriso claro para significar aos presentes que ella era pessoa entendida no idioma de Anatole. E não perdeu um verso de Rostand, aquella lindeza de visinha....

TERÇA FEIRA. Uma séca. Os cinemas, vasiaos. Uma senhora, de oculos, vermelhejando uma blusa de sangue de boi, sentou-se a meu lado.

Disse que estava calor, concordei. Pediu-me um programma, dei-lh'o. Seu cotovello me tocou ao de leve. Sahi; não gostei da fita.

A porta encontrei o Lemos, vivido bohemio. Convidou-me a cejar, fui de companhia. Mal chegára á sala do *restaurant*, o Lemos recuou apavorado, levando as mãos ambas ao rosto, como quem não queria ver um quadro de horror. Interpellei-o, e o bohemio, fugindo da sala com uma physionomia compungida, me segredou tetrico: «Lá está o meu cadaver boiando....» Olhei, era o seu alfaiate que cejava tranquillamente.

QUARTA FEIRA. Vinha eu do bairro, pensando na vida difficil. Um cidadão, ao passar o bonde, me disse dependurando no estribo e com os olhos dilatados: «Morreu o general: lyncharam-n'o». Egosou a surpresa.

Fiquei pasmado, pois nunca vira aquelle homem que se dirigiu a mim.

O bonde rollou e lá ficou o desconhecido, deliciando-se com a sensação que causava a um e outro transeunte. Percebia-se nelle a ancia doentia de gosar a surpresa que sua nova funesta determinava. Era o cidadão Boato, de gravata preta, botina empoeirada e collarinho dormido.

No bonde uma matrona gemeu logo: «coitado!» Um rapaz moreno, gesticulando, «já espe-

### **EM ABRE CAMPO**



Elsa e Miquita, filhinas do pharmaceutico Theodomiro de Abreu e Silva.



OLIVEIRA — Estação de Tromm — Edifício da Cooperativa Agrícola de Oliveira, de que é presidente o sr. coronel Vicente de Aguiar Paiva.

rava, mais dias, menos dias». E um terceiro afirmava que não ficava só nisto. A revolução era inevitável.

Meu visinho, de cartola e monoculo, aristocratisando os bancos plebeus da Companhia de Electricidade, lastimou com ternura o assassinato.

Não deviam fazer isso. Não é proprio de gente civilisada. Derrotassem o homem politico mas poupassem a vida ao homem particular. Elle era adversario rancoroso, mas protestava contra a covardia.

Um moço commentou que o Marechal devia estar tremendo de medo. Um outro, gordalhudo, affirmou cathegoricamente que ao Hermes não deviam matar. Uma surra, sim: uma tunda de chinellos no Dudú não fazia mal. Umas mocinhas chloroticas riram, levando aos dentes os leques desdobrados. Eu tambem me ri da lembrança daquelle pandego.

QUINTA FEIRA. Meu barbeiro me veio procurar e deu-me um *bote* de 50\$000.

Emprestei-lh'os, conformando-me com o desastre.

O Lemos riu-se maldoso e asseverou que eu era um grande tolo, cretino, pois fui *mordido de barbeiro*. O figaro não approvou o trocadilho, mas levou a cedula.

SEXTA FEIRA. O homem que mora em frente está zangado com a cara metade. Houve discussão, ameaças, escandalo. O Lemos está assombrado.

Elle ignora o verdadeiro motivo e pensa que a causa é outra que, deveras, bem o interessaria. Pensou até em mudar-se de casa. Eu, porém, que ouvi toda a gritaria, sei que d. Olga fez o escandalo por causa dos passeios do marido ao *Moulin-Rouge*; mas, por maldade, não quero dizer ao Lemos a verdadeira razão do *péga*. E elle está assombrado.

SABBADO. Fui ao cinema. Lá estavam d. Rosa e a filha de d. Rosa. Foi me vendo e abrindo a physionomia nédia e corada, num sorriso largo em que mostrou toda a dentadura feita pelo dentista.

Acenou-me a uma cadeira vaga, ao seu lado. D. Rosa quer me casar com a filha, por quem, confesso, me sinto deveras inclinado. Adheri,





Lincoln de Souza, talentoso caricaturista  
residente em S. João d'El-Rey

Fita tremenda, italiana. Furtos, raptos, deslealdades....

Sobre este assumpto a menina é intransigente: não admite desculpa nem perdão, conforme me affirmou.

Chegou mesmo a bater umas palminhas surdas quando, ao fim do ultimo acto, o esposo trahido estala uma pipoca na testa do trahidor.

Impressionou-me. E, cousa esquesita, tomei a deliberação de não me casar com a filha de d. Rosa...

DOMINGO. Meu creado é um homem pratico e, até, philosopho. A's vezes eu o prendo em palestras para aprender cousas... Hoje *seu* Antonio foi assediado pelos credores e não está de bom humor. A uma das pessoas que confiaram em *seu* Antonio, eu o ouvi dizer que... «tambem, se a gente fôr pagar tudo quanto deve, não ha dinheiro que chegue...» E tem razão aquelle bom homem que me arranja o quarto: não ha dinheiro que chegue... Tem, meu creado tem razão: elle é um phylosopho profundo...

Mlle. disse-me que *Tos* poetas os poetas devem ser de todas.

E eu não concordo com Mlle.

Os poetas precisam de inspirações varias e devem por isso variar de amores.

Mas o amor não é a unica musa inspiradora e nem sempre é necessario ao poeta.

Podem-se fazer bons versos sem amar. A's vezes até é contraproducente ao sonhador uma nuvem carregada de odios, odios causados pela pouca sorte nos amores.

Demais si "*Ellas*" são muitas e o poeta deve ser de todas, por seu turno são muitos os poetas e "*Ellas*".... não podem, ou, pelo menos, não devem ser de todos, embora—na opinião de Mlle.—, elles as cantam a todas....

*Gim.*



EM FLAGRANTE



NA VILLA DE FORTALEZA — Edifício do Grupo Escolar.

## A hora actual

Nos povos perfeitamente definidos num typo ethnico, tanto quanto nos ainda em formação, como o nosso, manifestam-se, às vezes, sintomas que attestam, em cada qual, certa coerencia e harmonia de um sentir geral, só proprias de corpo inteiro ou muito bem articulado.

Isto só se observa quando ha fundos abalos ou fortes commoções sociaes que affectam a Nação toda, d'alto a baixo.

Esse que vimos assignalar nesta hora terrivel da Patria, diante do inopinado e barbaro assassinio do General Pinheiro Machado, está produzindo os sintomas de que falamos.

O que se sente aqui, parece, é sentido tambem nas lindas do septentrião do Amazonas com Venezuela e Colombia, assim como nas cochilas do extremo antartico do paiz.

O sentimento popular é o mesmo por toda a parte.

Inequivocamente, nos, jornaes cariocas, que são os mais lidimos órgãos por onde se escôam as aspirações e por onde se afere o indifferentismo da alma nacional, vê-se que o momento é

de um grande desafôgo, uma desopressão consoladora, mal contida por pouquissimos, porem patenteada no expressivo semblante de quasi todos!...

Por que? Por que esse desabafo? Esse tão grande alivio, como se a Nação arreasse de seus homlros o peso de imensa carga insuportavel? Andavam divorciados, a Nação e o grande brasileiro, que, no entanto, fôra o chefe supremo e arbitrio de nossa politica, durante quasi quatro lustros seguidos?

O tempo não exprime bem.

Divorcio implica autonomia de duas vontades opostas, e a Nação não se contrapôz á vontade inflexivel do famigerado caudilho. Submetteu-se!... Foi uma subjugada, todo esse tempo!...

Dahi, essa irreprimivel expansão, traduzida num significativo descanso, como o do enfermo após a phase aguda de molestia grave!

E para nós brasileiros é muito triste tudo isso!...

O golpe que eliminou o celebrado politico foi selvagem, isto é, isolado, inexpressivo, individual, anonymo, impopular!

E absolutamente não pudera ser esse golpe nascido e vibrado, em um movimento revolucionario, porque só os povos cultos e fortes pos-



stuem e são capazes de taes surtos de reacção e revide formidavel.

São typos profundamente diversos:—Floriano e Pinheiro.

Bem os distinguimos.

Porem a este se applicam, com inteira propriedade, as duas frases tersas e inspiradas com que Euclides da Cunha caracterizou o primeiro: «Cresceu, prodigiosamente, á medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Traduz de modo admiravel ao envez da sua robustez a nossa fraqueza».

Os nossos devem ser os votos de toda a Nação, isto é, que aquelle que o substituir, no pontifício da politica, conquiste todas as sympathias e saiba engrandecer esta abençoada Terra!

B. H. Setembro, 1915.

A. T. D.

Eu tenho um desejo, ó flor  
Que mais parece um troça;  
- -Levar uma rija coça  
Com as taes pancadas.... de amor.

Mário

## O Lopes, do Paraguay

*Não fôra um tirano sómente;  
fôra também uma alma de pa-  
trioti.*

Proximamente, a 1.º de março de 1916, vai fazer 46 annos justos, que o gen'ral Francisco Solano Lopes foi assassinado por um soldado brasileiro, em Cerro Corá, á margem esquerda do insignificante Aquidaban-Minguy, affluente do Aquidaban, sertão bruto do Paraguay, lindando com Matto Grosso.

Foi como poudes terminar a celebre campanha.

Para o que pretendemos não é mistér recordas peripecias comoventes, ou episodios interessantes, que os ha, muitos, em todo esse tristissimo lustro de guerra. Basta que discreteemos sobre a importante figura do famoso ditador, apreciando e sublinhando seu feitiço moral e politico.

Nós aqui no Brazil, como seria natural em qualquer outro povo, creamos, para o vulto do notavel guerreiro, uma tetrica tradição de atro renome.



EM ITAUNA — Um aspecto pittoresco da Praia dos Moinhos

## Mida de Minas



EM ITAUNA — Grande cachoeira do Itauna onde ha duas poderosas uzinas electricas pertencentes ás companhias Itaunense e a Santannense.

Chamamos-lhe, ainda hoje, déspota, tirano, sanguinario.

Lopes podia ter sido tudo isso, e o foi, mas não foi só isso.

E' preciso que estudemos o homem em todas suas manifestações mais salientes e bem definidas.

Os pósteros não temos as desculpas da paixão e da parcialidade, que cegam as intelligencias e deturpam os juizos. Nosso julgamento deve ser sereno, justo, imparcial, edificante.

Resalta do estudo carinhoso e desapaixonado da historia, que Lopes possuiria qualidades moraes não vulgares e intelligencia bastante acima do commum.

Primeiro que tudo, deve-se notar que elle, preparando seus soldados e seus subditos para a resistencia, por meio de uma prolongada e rigorosa disciplina militarizada, teve, da politica sul-americana, uma visão nitida, só propria de estadistas dignos desse nome.

Não obstante, é exacto que tal disciplina tocava ás lindas do despotismo sem péias, pois que já de 1814 a 1840, sob a ferocissima ditadura dr. Francia, deste anno a 1862, governando Carlos Antonio Lopes, pae de Solano, até 1870, sendo presidente o formidavel tirano, que o povo

paraguay viveu sempre sob um regimen absoluto, de cega e passiva obediencia aos que o dirigiam.

Note-se bem que todos esses tres presidentes, os primeiros que teve o Paraguay depois de emancipado do jugo hespanhol, trabalharam, como num plano solidario e continuo, para dotar a pequena republica de uma forte e poderosa organização militar.

Tivera Solano o presentimento claro dos futuros acontecimentos—a guerra—em vista das manifestas tendencias dos gabinetes brasileiros, no primeiro periodo do segundo reinado, para a supremacia politica sobre os pequenos estados do meio dia da America.

Nessa tórva expectativa, preparou-se, com toda sua gente, e com ella aguardara, impaciente, o terrivel *dies irae* que não tardou muito. Praticaram-se então heroismos admiraveis, devidos quasi sómente ao seu entranhado amor da Patria, o qual se irradiava por todos.

O Paraguay, republica pequenina, central, pobre, atrazada, e por isso mesmo, arredia do convívio da civilização européa, sem homens eminentes nas letras, nas artes, nasciencia, na politica, não podia fazer mais do que fez, lesajudado de tudo e de todos.





Prot. J. M. Retes

O inteligente filhinho do sr. dr. Salomão de Vasconcellos, Decyo Moyses, antes de completar 5 annos de idade.

Solano era intelligente mas sem considerave<sup>l</sup> cultura de espirito. Porém releva notar que, ao menos as especialidades do seu genio, que era o do militar, elle as cultivou. Das disciplinas deste curso fizera estudos especiaes na Europa, tanto que regressara á patria, trazendo comsigo habeis engenheiros, com o fim de fortificar o seu paiz e formar um exercito respeitavel.

O que, porém, mais faz avultar sua personalidade aos nossos olhos, é o patriotismo, sentimento que elle só comprehendia como a completa identificação com a Patria.

Sua energia moral, sua admiravel franqueza d'animo, coragem, abnegação, actividade, tudo, até a affoiteza de actos impetuosos ou precipitados, tinha por base o amor da Patria.

Pensando em alguns de seus feitos ousados, no Chaco, em Curupaity, em Itororó, e outros, lembramos o celebre dito do poeta:—a patria somos nós.

Sua loucura, que o fazia preferir o sacrificio de toda a nação, antes que submeter-se, era a loucura dos patriotas excelsos e sublimados, desses que não comprehendem nem suportam a vida ao lado do cadaver ainda quente da Patria.

Foi o nosso general Camara quem, numa ultima expedição parcial, que commandava, sob as ordens do Conde d'Eu, assistiu aos derradeiros momentos do famigerado lutador.

Quando, no citado Aquidaban-Minguy, o encontrou, nieio cahido, lanceado na barriga, tendo parte do corpo mergulhado nagua, Camara intimou-o a render-se, Lopes respondera, já com difficuldade: *Morro por minha Patria com a espada na mão*, e deixou-a cahir para o lado do general brasileiro.

Ainda nesse instante recebeu, na região dorsal, um ferimento de bala, e expirou.

Ora, quem assim termina os dias agitadosissimos, com tal heroismo e abnegação, não foi um tirano somente, foi tambem uma alma de patriota.

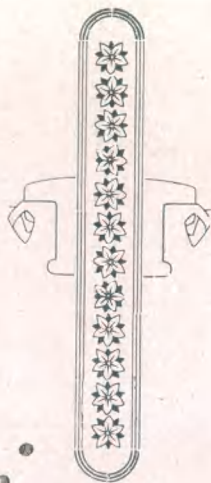
B. H. Setembro, 1915.

*A. Teixeira Duarte*



Alzira Leão, talentosa artista brasileira, que vae crear a "Innocencia", adaptação ao theatro do popular romance de Taunay, por Carlos Góes.

## A' filha do um charuteiro



Desde quando te vi, ó Cherubina,  
Com fumaças e orgulho de riqueza,  
Na loja de teu pae, a mim, menina,  
Me impressionou demais tua belleza.

Tua linda figura esbelta e fina,  
Cheia de graça e cheia de leveza,  
Meu pobre coração de amor empina  
E na minh'alma traz paixão accesa.

Indifferente de teu pae aos pitos,  
Entre sonhos e anseios infinitos,  
Hontem, á tarde, fui pedir-te a mão.

Levei a tabua desse velho infando,  
De raiva logo desparei fumando,  
Como quem fuma um breva de tostão!

**Brisac**

**SO'...** Os naturalistas classificaram certos individuos da criação como typos retardatarios, que não conseguiram acompanhar a evolução dos seus companheiros de especie. Mas não é só na historia natural que se observam dessas bellezas. Em literatura, com especialidade, encontram-se certos animaes que ainda se commovem com os versos que arrancaram copiosas lagrimas á noiva de Caramurú. E não é raro, num salão familiar, aos sons repinçados da «Dalila» ver-se um rapazinho triste, de olheiras a Burne Jones, adeantar-se como um phantasma, entre os rogos do «illustre auditorio presente» e esticando o pescoço e abemolando a voz, romper tragicamente:

“Vae alta a lua na mansão da morte...”

Isto, ás vezes, ainda se supporta: ou por um milagre ou por não haver remedio.

Mas um sujeito, numa via publica, investir mal intencionadamente sobre um cidadão indefeso e depois de lhe fazer o elogio de um bandido não menos mal intencionado, descarregar-lhe sobre os hombros frageis 500 kilos de papel escripto no velho estylo do 1º Imperio, é demais! Digam o que disserem, isto é um caso muito grave. Em breve não se poderá mais sahir de casa. Não se tem garantias, nesta Republica! A cousa é séria e acho mesmo que a policia deveria intervir, afim de tomar conhecimento do facto e prohibir taes brincadeiras que, ás mais das vezes, têm um epilogo fatal...

**A.**

A glorificação do heroismo, no cumprimento do dever militar, é a maior prova que a humanidade pôde dar da sua fraqueza.



Zalvar, filhinho do sr. José de Abreu Paiva,  
residente na villa da Pedra Branca



VIDA SPORTIVA



O *team* do Athletico  
Mineiro



As archibancadas e o  
aspecto do campo



O *team* do Granbery

Notas de reportagem — O *match* realizado no dia 7 de setembro

## *A Vida de Minas*

**Vae** estrear, com um livro de poesias, intitulado «Nevroses», o nosso joven conterraneo, academico Oswaldo Freitas, que ainda pretende palmilhar os adytos tenebrosos do symbolismo.

Do valor dos versos do moço cantor, nada diremos, aguardando a opinião de Alphonsus de Guimaraens, scintillante e admirado collaborador da «A Vida de Minas», que lhe prometeu uma carta—proemio, naturalmente cheia dos estímulos que merece quem é capaz de escrever sonetos como este :

### BAPTISMO

Vem baixar sobre os meus teus olhos de Piedade,  
Num baptismo de Crença á minh'alma pagã...  
Esborram nesse Luar mortício em que ella nade  
Os germens que a farão da tua uma alma irmã...

Tacteo pela Treva, eu —filho da Saudade—  
De mãos dadas com a Noite— a sombra de Satan -  
E em meus labios de moço agoniza a Verdade  
De que o mundo escarnece e julga ingloria e vã...

Vem tu. vem no meu Claustro, onde vivo  
doentio...

Onde eu —Médio— sósinho, invoco do Semo  
Termo  
Os Phantasmas sem côr, hirtos de Magua e Frio...

Desses Cirios á luz penetra este meu ermo....  
E dá-me nesse Luar um baptismo de Estio  
Que faça resurgir meu coração enfermo....



Quando um homem morre desaparece um mundo — a sua cabeça. Tanto maior é esse mundo quanto mais poderosa era a cabeça que se extinguiu. — *A. Schopenhauer*.



GENERAL CARNEIRO — Instantaneo apanhado pelo nosso reporter photographico.



# Le coq gaulois

Para o Mario de Azevedo

*Le coq, en frissonnant, jeta son cri d'alarme ;  
Car les loups accouraient du fond de la nuit sombre,  
Et leur armée sans fin, déjà dans la pénombre,  
Remplissait l'horizon d'un odieux vaca*

*Tout-à-coup, se dressant sous le poids de son arme,  
Contre ceux qui tiraient tout leur profit du nombre,  
Se lève, pour sauver le Droit blessé qui sombre,  
Cette France d'amour, qui nous berce et nous charme.*

*Les nations alors, dans leurs palais surprises,  
Voyant les loups furieux et les agneaux aux prises,  
Pour défendre le Faible ont employé leur gloire...*

*O mon vieux coq gaulois ! Pendant que mort il penche,  
Frappe encor l'aigle noir d'un coup de ta revanche,  
Et jette vers les cieux le cri de ta victoire !*

1915

F. Amédée Péret



NA FLORESTA -- Grupo de gentis senhoritas residentes no bairro da Floresta, posando para a nossa objectiva

## So'...

Longe, cortando o azul, desenha-se no céu, escuro de noite e corado de estrellas, o perfil romantico da torre... Os sinos dormem.

Morre suavemente na sombra o ultimo rufloda aza de uma coruja somnambula. Deve ser muito tarde. As arvores se recolhem para si mesmas... Anda no ar um perfume de cravos e uma dolencia longa, sensual, de espasmo, sobre a carne pubere das rosas que adormece-ram no silencio. No fundo solitario da minha memoria tu ficaste a viver, a bruxolear votiva, para o meu amor, como uma lampada christã...

O teu violino soluça e é como si a alma de Kreisler chorasse de saudade, na distancia, no esbranquiçado luciluzir das estrellas, perdida, longe, sob a noite immensa... Tua alma nasceu para minh'alma...

A.

A MENTIRA e o dever são irmãos gêmeos. Quando naturalmente, por instinto, nós fugimos ao código e á moral, ella apparece-nos, mascara doirada, para esconder a responsabilidade. Teve depois um filho:—a hypocrisia. Mas ha outra, a mentira creadora, que é a aza do Sonho e da Belleza. Os philosophos chamam-lhe:-- *Verdade*

A, Patricio

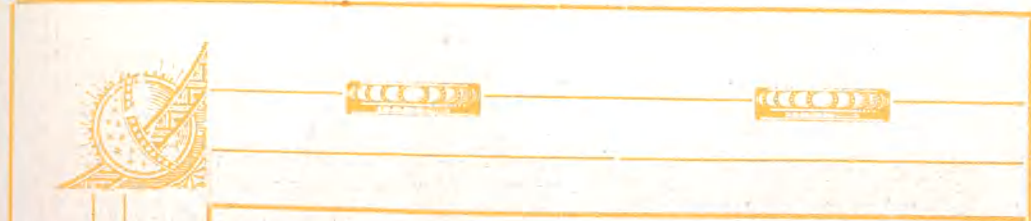
—\*\*\*—  
A arte, com esmero e gosto,  
A minha amada cultúa:  
—Em casa — pintando o rosto,  
Pintando o sete na rua...

Adhemar Viotti

—●●●—  
A palavra de honra é uma gazúa. Força a credulidade dos ingenuos quando não temos força moral para os convecer.

A. Patricio





## Alguem...

Como uma apparição espiritual e santa,  
Envolta num luar de maguas e tristezas,  
A sua imagem branca ao longe se alevanta,  
Em nimbos ideaes de mysticas purezas...

E alguma cousa azul intrinseca me encanta,  
Ao ver o seu perfil de classicas bellezas,  
Como se ouvisse ao longe um passaro que canta  
Ou sonhasse de amor com pallidas princezas...

Sua alma é como um lyrio branco sobre a terra,  
Mysteriosa flor que um corpo de anjo encerra...  
Eu disse um dia tristemente ao vel-a...

E fiquei a scismar então nesse semblante,  
Que no mundo passou tão casto e tão distante  
Como a luz celestial de uma longinqua estrella !...

Archangelus Guimaraens



## Ante um busto de Pan

...no tempo de Tiberio, navegadores gregos perdidos em uma ilha solitaria, ouviram um dia este terrivel clamor : — O grande Pan é morto !...

FR. NIETZSCHE — *Die Geburt der Tragödie*

Soneto de  
Paulo Brandão

Vêde ; é um busto de Pan, o capro deus lascivo,  
Entre verdes festões de myrtho, meio occulto ;  
Em seu olhar sem luz, do sol, um raio estivo  
Fulgura e ao labio põe-lhe um riso hilare e estulto...

Quando as nymphas, outr'ora, o capripede vulto  
Viam, rompendo a custo o implexo e verde crivo  
Do bosque, ao rio undoso, em pavido tumulto,  
Se atiravam, enchendo o ar de um rumor festivo...

Em todo bosque echoava um fremito de vida...  
E Pan, sob os myrtaes, em rapida corrida,  
Das deusas perseguia o alacre e esquivo bando...

E seu olhar gelado, hoje, o bosque prescruta,  
Que deserto se estende e nudo e a umbrosa gruta,  
Onde a agua cãe, a voz das nymphas evocando...

**Aquelle** deputado, assim gordo e rubicundo era candidato, ha vinte annos. Preterido sempre por um falso criterio de escolha, de que os governos dão prova constante,—veio o homensinho, durante esse tempo, armazenando idéas com que se apresentasse um dia á admiração do eleitorado do seu districto.

Até que enfim, *chegou o dia venturoso*, como lá diz a canção.

Eleito, empossado, o homem foi assiduo nas secções da Camara. E era de vel-o irrequieto na sua cadeira de mola, vira para aqui, vira para ali, muito trefego, a sorrir para as galerias, antegosando os arruidos do seu successo.

Um dia, pediu a palavra, levantou-se. Em torno fizera-se o silencio das grandes emoções.

Sorriu, pigarreou, limpou os labios, deu um geito ao fraque, molhou a palavra e entrou :

— Sr. Presidente...

E foi por ahi garganteando, empolando os verbos, rebolando tropos, numa facundia facil em que se defrontavam, na mesma casa, os solecismos e as contravenções synthaticas.

Mas o que é que elle queria ?

Queria isto : que se concedesse uma licença, com vencimentos, a toda professora, 15 dias antes, e 30 depois do parto.

Explicava-se assim o seu programma : o sr. deputado era pelo fomento da natalidade.

Não seria justo, porém, que accarretassem marido e mulher com os onus em que importa um parto. E si o Estado deseja o augmento da natalidade, que custeie esse augmento, como um bom pae que sustenta o filho, o genro e o neto.

Nem sempre quem pariu Matheus é quem o embala.

\*\*\*

Morto de sede eu me vejo

E o frio faz tiritar...

—Traz-me o calor de teu beijo,

Dê-me as fontes desse olhar !

\*\*

Pela vida, entre os escolhos,

Eu li minha triste sina :

—Nas meninas desses olhos,

Nos olhos dessa menina !

Adhemar Viotti



# A Cathedral

A Adolpho Araujo

Entre brumas ao longe surge a aurora,  
O hyalino orvalho aos poucos se evapora..  
Agonisa o arrebol,  
A cathedral eburnea do meu sonho  
Apparece na paz do céu risonho  
Toda branca de sol.

E o sino canta em lugubres respostas  
Pobre Alphonsus ! pobre Alphonsus !

O astro glorioso segue a eterna estrada,  
Uma aurea setta lhe scintilla em cada  
Refulgente raio de luz,  
A cathedral eburnea do meu sonho,  
Onde os meus olhos tão cansados ponho,  
Recebe a benção de Jesus.

E o sino clama em lugubres respostas:  
Pobre Alphonsus ! pobre Alphonsus !

Por entre lírios e lilazes desce  
A tarde esquiua : amargurada prece  
Põe-se a lua a rezar,  
A cathedral eburnea do meu sonho  
Apparece na paz do céu tristonho  
Toda branca de luar.

E o sino chora em lugubres respostas:  
Pobre Alphonsus ! pobre Alphonsus !

O céu é todo trévas : o vento uiva,  
Do relampago a cabelleira ruiva  
Vem açoitár o rosto meu,  
E a cathedral eburnea do meu sonho  
Afunda-se no cahos do céu medonho,  
Como um astro que já morreu...

E o sino geme em lugubres respostas:  
Pobre Alphonsus ! pobre Alphonsus !

Alphonsus de Guimaraens

NOTAS SOCIAES



Senhorita Aracy von Sperling





## Uma Embaixada das Musas

Com a primavera que anda ahí por fóra, Bello Horizonte teve a visita de dous dos mais completos cultores do Verso em nosso paiz—Alphonsus de Guimaraens e Severiano de Rezende. Após a embaixada de luz, de cores vivas e suavidades enlevadoras da natureza caprichosa, quizeram os deuses propicios conceder a esta cidade a graça de acolher em seu seio uma outra embaixada da Belleza e da Harmonia, já acreditada junto aos nossos corações por essas credenciaes sublimes que são *Dona Mystica*, *Kiriale* e *Paineis Zoologicos*.

Alphonsus é, sem duvida, o mais querido dos poetas mineiros, o que mais forte impressão tem gravado nos espiritos que naseem para a Arte e nos corações que accordam para o Amor. A toda essa geração attribulada pela ancia da Belleza e pela gloria do Sentimento, Alphonsus communicou os seus sonhos e as suas nostalgias, desvendou a ternura dos Symbolos e iniciou na religião do Extase, que é para Nietzsche um principio de Revelação.

Comprehendendo o Symbolismo como uma evolução, como uma das volutas do anseio de aperfeiçoamento, e não como uma caprichosa revolução, sem reflexos profundos na emoção sincera, Alphonsus vem talhando no marmore puro da fórmula parnasiana as



Alphonsus de Guimaraens

imagens mais lucidas e mais evocativas de graça, afastado das rodas em que se forjam os *cabotinos*, enclausurado no seu sonho de mysticismo, na paz fecunda e virgilianamente lyrica de Marianna.

E é dali que nos vêm, como um som de frauta pastoral as conções de ouro, que falam de uma saudade antiga, de umas glorias extinctas, de uns brazões esquecidos, entre ruinas... E' dali que o Bonzo magnifico projecta

## Mãe de Minas

sobre as nossas almas o luar manso da sua poesia sonhadora....

Severiano é o Symbolista da Natureza. Quem o lê tem a impressão de que o poeta, depois de muito soffrer entre os homens, incompreendido e torturado, abriu o coração como uma túnica de ouro, para envolver de amor as cousas da terra que têm aspirações de ceu, os animaes humildes ou impetuosos, desde os que vivem nos charcos aos que andam nos desertos. Em toda miseria encontrou uma grandeza, em todo lodo, uma restea de sol.

Sublime Arte essa de trabalhar



Severiano de Rezende

pela redempção, pela sublimidade de tudo que vive, de tudo quanto sahindo do humus caminha, através da matéria, para o Ceo, para a Perfeição, para a Divindade!

Severiano é um dos florões mais bellos dessa Arte piedosa.

Poetas de tão faiscante talento, Alphonsus e Severiano bem merecem as homenagens e as reverências daquelles que, sabendo sentir, ainda trazem vivido no peito o fogo sagrado, feito de canticos e bençãos, com que se cultuam os artistas superiores e os sabios verdadeiros.

Assim o entenderam, para honra nossa, os que vivem para as letras (não os que vivem das letras) nesta cidade de Minas, e houveram por bem distinguir os dous poetas com uma festa consagradora, a que esteve presente o coração e o espirito, e sobre a qual as almas dos homenageados derramaram, sob a forma de poesia, as mais doces suavidades, os pensamentos mais doces...

*J. Menestrel*

### A Consagração

Consistiu a festa num banquete, ás 8 horas da noite de 25, no salão de jantares do Club Academico.

Houve flores em profusão e a alegria suave da boa camaradagem.

Em torno á mesa, viam-se :

Alphonsus de Guimaraens, Severiano de Resende, Alvaro da Siveira, Archangelus de Guimaraens, Nel-





Severiano de Rezende, após o banquete, lê versos de seu livro "Mysterios", no prélo, e inéditos de Alphonsus de Guimaraens.

son de Senna, Abilio Machado, Arduino Bolivar, por si e pelo dr. Raul Soares, Carlos Góes, Camillo Filho, Mario de Lima, Noraldino Lima, Daniel de Carvalho, F. Luiz Campos, Oswaldo de Aranjó, Pedro Carlos, Justino Carneiro, Mendes de Oliveira, Abilio Barreto, Aldo Delfino, Pedro Bernardo Guimarães, Arthur Ragazzi, Gastão Itabirano, Milton Prates, Cysalpino de Souza e Silva, por si e pelo dr. Carvalhaes de Paiva, João Lucio, Silva Guimarães, Oswaldo Furst, Mario de Azevedo, E. Detalonde, Laercio Prazeres, Annibal Machado, Vicente Risola, Genesco Murta, Oswaldo Freitas, José Jacintho das Neves, Ho-

racio Guimarães, Raphael Machado e José Guimarães Chagas.

O discurso de saudação aos poetas foi proferido pelo dr. Alvaro da Silveira, illustre presidente da Academia Mineira de Letras.

Severiano disse então algumas poesias de Alphonsus, recebidas com palmas, encerrando a serie de recitativos com um trecho do seu "Poema da Magna", que faz parte do livro "Mysterios", a ser editado em Paris.

Como é facil de ver, foi uma festa adoravel a promovida pelos intellectuaes de Bello Horizonte, como uma consagração aos dous artistas que nos visitaram.

## Mãe de Minas

**Felix** d'Arruda (Djalma Andrade), que por tanto tempo foi nosso companheiro e aqui reflectiu as scintillações de seu talento cheio de *verve*, deixou agora de escrever para «A Vida de Minas».

E' de esperar-se, porém, que Felix d'Arruda, actualmente com o seu tempo tomado em outros misteres, não se esqueça desta revista e, de quando em vez, nos mande alguma produção de seu espirito delizadamente humoristico. Sempre havemos de recebê-lo com a maior satisfação, pois elle conta aqui legitimas afeições.



### Encerramento do Congresso Mineiro



Andei d'aquem para além,  
Terras vi, e vi logares:  
Tudo seus avessos tem:  
O que não exp'imentares,  
Não cuides que o sabes bem.

S. Miranda

### Uma authentica

No Palacio da Justiça ha uma galeria de retratos dos desembargadores. Ali figuram 15 magistrados, dos quaes apenas 3 ainda vivos.

Um dos advogados do nosso fóro mostrava, ha dias, a um collega do interior as dependencias do Tribunal.

Depois de exhibir-lhe o salão em que funcçionam a Camara Civil e a Camara Criminal, apontou-lhe a sala dos retratos, dizendo: Aqui funcçiona a Camara... mortuaria.



Instantaneos apanhados á porta do edificio da Camara dos Deputados,





Ilhno. Sr. Milton Prates.

Accuso o recebimento de sua carta e dos numeros de sua revista, que teve a gentileza de me enviar.

Penhorou-me em extremo a reiteração de seu pedido, já antes verbalmente feito, de collabore na revista. Pede muito, caro senhor. Pouco seria, se eu não tivesse o horror que tenho, da publicidade, pois vejo que em nossa sociedade a mulher que se exhibe, é sempre mal vista, não só pelos homens, como pelas outras mulheres, isto por um preconceito que será o assumpto de minha correspondencia. Vencendo, porém, esta reluctancia, vou cumprir minha

promessa; mas ha de permittir que me conserve incognita.

Escrever-lhe-ei cartas, porque assim terei mais liberdade de me exprimir, e porque tenho um certo pendor para este genero. Não é que me julgue uma Senhora de Sévigné; mas os pequenos, como os grandes, podem ter seus gostos.

Sua revista está muito boa, de leitura agradável, leve, espirituosa, como convem á sociedade a que se dirige. A parte material está esplendida, e faz honra aos artistas que a desempenham.

A falta que lhe achei, é que V. S. procura corrigir, dirigindo-se a mim, é a ausencia de mão feminina em sua redacção. Pois que? então as nossas patricias não têm talento e cultura para collabore em uma revista que é toda para ellas?

Creio que sim; porém faltalhes a coragem de ousar um pouco, e isto por um defeito de educação, por um preconceito de nossa sociedade.

A educação da mulher entre nós é muito falha: nós vivemos entre dous extremos — a mulher traste de casa e a mulher frívola, e as que querem fugir deste ultimo, ficam no primeiro. Aqui estou eu para exemplo, que lhe não permitto revelar a auctoria de minhas cartas. Deus me livre! que se havia de dizer? Quantas ironias não me haviam de acompanhar por toda a parte! A quanto vexame não ficaria exposta!

Não! Aos commentarios e aos ironicos applausos e cumprimentos que havia de ouvir, eu prefiro que se me taça o elogio das matronas romanas: — «Não sabia de casa, e sabia tecer lã».

Não penso que seja este o fim de nossa existencia e que para elle se deva encaminhar nossa



## Mala de Minas

educação; mas nossos preconceitos sociaes nós levam a optar por um dos extremos que disse. Não ha entre nós o justo meio.

Não creia, sr. Milton, que eu seja uma dessas suffragistas que a policia da Inglaterra vive a reprimir gracejando: estou convencida de que as luctas sociaes com todas as suas miserias nos devem ser extranhas, que nossa fragil reputação teria tudo a perder nas intrigas deshonestas da politica, e que a missão de paz e de amor que devemos cumprir estaria comprometida, se entrássemos nas dissensões partidarias. Acho graça e rio-me de mim mesma, se imagino que se fosse uma advogada, teria de dar uma consulta a um negociante e ensinar-lhe os meios de fraudar a lei e cohonestar uma fallencia.

Isso não é para nós, e nós dignamente o não poderíamos fazer, sem atraiçoar nossos destinos; mas aqui ao extremo opposto vai um abysmo.

A mulher de sociedade no Brasil é frívola, desinteressada das cousas do espirito, ignorante, ou então é affectada, pedante, e sabichona; e porque?

O desenvolvimento desta razão eu o reservo para outra carta.

Queira dizer em sua roda, certamente muito numerosa e intellectual, quo esta sua criada não é mais uma criança, pois já o espelho lhe revelou a existencia dos primeiros cabellos brancos; que deseja conservar o incognito, para ter mais liberdade de fallar; que vae collaborar em sua revista sem pretensões, não esperando applausos, porém temendo descontentamentos. Estes, se por ventura apparecerem, será favor communicar-me, pois sou muito timida, e não desejo contrariar a ninguém.

Queira, pois, apresentar-me aos leitores nos termos que lhe falei na sua ultima visita.

Sua criada muito amiga,

Margarida G.

Bello Horizonte, Setembro, 915.



A maior parte da gente é honesta—em virtude da lei do menor esforço.

A. Patrião

**Cartas** de uma Senhora. Com esse titulo, iniciamos hoje na *A Vida de Minas* a collaboração de *Margarida G.* Na modestia desse nome sympathico esconde-se o de uma distinctissima senhora residente em Bello Horizonte, de cuja alta sociedade é um dos melhores ornamentos, não só pela sua cultura pouco commum entre as filhas de Eva, como tambem pela educação primorosa que a destaca na elite horizontina.

Espirito em inentemente observador; culta, de uma cultura solida e firme; intelligente, de uma intelligencia vivida e scintillante, *Margarida G.* é uma collaboradora que vae honrar sobremaneira a nossa revista, onde, a contar de hoje, as leitoras vão encontrar esplendidas paginas, repleadas, ás vezes, de delicado humorismo, outras vezes entrecortada de ligeira critica cortez e leve e, quasi sempre, encerrando bons ensinamentos, inspirados em legitima moral e numa affectividade carinhosa que sóe emanar das almas brancas e dos corações bem formados.

Quanto á lapidaria fórma litteraria de *Margarida G.*, nós nos callamos, deixando que os leitores, forrando-se a suggestões, apreciem devidamente as cartas dessa talentosa senhora, que são suaves filigrannas sentimentaes e agradarão sem duvida, pela singelleza do dizer, pela espontaneidade da elegancia e a doce harmonia de suas phrazes que soam ao de leve, numa simplez encantadora e deslisam mansamente sem tropeços nem arestas, como se fosse o filete murmuro de uma fonte.



EM LAMBARY — O menino Geraldo, com 10 mezes, filhinho do sr. Julio Mendes





A encantadora menina Edith, filhinha do sr. professor Juscelino Paraiso.

## Pinheiro Machado

Nesses dias torvos e de fortes emoções que a humanidade atravessa, —á força dos sobresaltos e dos sustos temos gasta, por uma lassidão de nervos, a faculdade das sensações moraes e estampada na physionomia a indiferença e o descaso por tudo quanto antes nos faria vibrar de odio ou de enthusiasmo.

Apesar disso a morte de Pinheiro Machado repercutiu na alma da nação com o fragor de uma tremenda catastrophe.

Fosse porque na morte do illustre politico o paiz medisse a grandeza da perda que sofreu; fosse pela revolta que naturalmente o homicidio covarde sóe despertar na alma de um povo ordeiro e leal — o certo é que não houve quem não bradasse contra o tragico attentado que fez tombar sem vida uma das maiores energias que a America tem produzido.

Para certos espiritos que analysam os homens e as cousas do seu tempo com impar-

cialidade e minucia, sem se deixar influenciar por criticas ou opiniões alheias, — o desaparecimento de Pinheiro Machado é, de facto, uma lacuna tremenda, cujos effeitos só mais tarde poderão ser sentidos e apreciados.

Erram aquelles que, embuidos de um mal entendido espirito de opposição em crenças politicas, saturados de leituras subversivas e anarchicas da imprensa partidarista, — sempre enxergaram em Pinheiro Machado o homem nocivo e pernicioso de que o arguiam os seus adversarios.

E' veso antigo, e eminentemente humano, destruir reputações e valores que se firmaram á custa do trabalho e a golpes de intelligencia, num meio em que a competição e a inveja são quasi que o movel das acções individuais.

E nada mais facil desde que o povo, na sua infantil ingenuidade, não exige mais, para julgar o homem, que a simples denuncia de escandalos trazida a porta dos cafés, á hora do cavaco.



EM CAMPO BELLO — O pequeno Aluysio, filho do sr. dr. Ladisláo M. Costa, juiz de direito da Comarca.

Photographia tirada pelo agente da «A Vida de Minas» sr. José Maia Junior.

## Alta de Minas

Mas não virá longe o dia em que Pinheiro Machado, como Floriano, deixará de ser o caudilho aventureiro e máo para passar á historia e á estatua como o patriota de rija tempera e o homem publico de inatacavel nonestidade.

Por esse tempo, os que elle trazia ordeiros e submissos debaixo de sua auctoridade de ferro e de seu prestigio insofismavel, já se terão dispersado; as paixões e os vícios que cada um traz latente em si explodirão, porque não ha mais força que os contenha e então o paiz medirá as consequencias de ter como seu mentor politico não mais o "auctoritario caudilho", mas algum poltrão lombriguento e anemico, sem uma só daquellas qualidades sadias que tão bem definiram o general gaúcho.

J.

**Seguiu** para Fortaleza, norte de Minas, o inspirado poeta Agenor Barbosa, nosso bonissimo companheiro, a quem *A Vida de Minas* deve tão lindas paginas de poesia e ligeiros sueltos de forma leve e delicada.

Nós que admiramos o bello espirito de Agenor, desejamos ao seu corpo debilitado de poeta a mais prompta reconstituição. E, dentro de poucos mezes, esperamol-o aqui, de novo, onde as suas bellas qualidades Moraes o fizeram deveras estimado.

\*\*\*

O diametro da civilisação mede-se pelo diametro da imprensa. — V. HUGO

\*\*\*

Hontem, descendo ao quintal,  
Tive um ciúme nefando  
Vendo um brejeiro pardal  
O teu *corpinho* beijando.

### NOTAS SOCIAES



Enlace matrimonial do sr. dr. Jarbas Vidal Gomes com a senhorita Alpha Ferreira.—Os noivos—  
Grupo de famílias e cavalheiros que assistiram á cerimonia.



'OS PAINEIS ZOOLOGICOS'

# A Girafa

A José de Freitas Valle Filho

*A Girafa olha ao longe o horizonte. Debalde  
Com as patas tóca e escarva a urze e a charneca impura :  
Grê tão proximo o céo, que o oasis se lhe afigura  
Do empyreo de Mafoma esplendido arrabalde.*

*Que o astro durma entre a bruma ou que o ermo em flamma escale,  
Ella, arfando ao subtil puro alito da altura,  
Abre a pupilla clara, e um sonho glauco e jalde  
No seu olhar mansuetto e candido fulgura.*

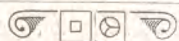
*Bebe a luz de mais perto, o ar tenue absorve, extranha  
Ao bisbilho da moita, o ouvido emtanto attento  
Ao rumor da floresta e aos échos da montanha.*

*E emquanto a fronte pelas frondes emmaranha,  
Traz-lhe, de alhures, em mellifluo afago, o vento  
O frémito dos sóes no vasto firmamento.*

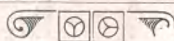
Dos "MYSTERIOS"

José Severino de Rezende

# Adoração das nuvens



## ao Cruzeiro do Sul



(Sobre um quadro de Modesto Brocos)



Noite... Ha um silencio religioso em tudo.  
Rasga-s a nevca e transp rente véo..  
Surge, pelas abertas e vel ud,  
das est ellas o rutilo tropheo.

O Azul quida num extas ... Desnudo  
bilha o Cruzei o.. E a Nuvens, pelo céu,  
como que em prece su: ve e em côro mudo,  
ante a Cruz estellar m vim se ac léo.

E a alma na za do Sonho se arrebatã:  
— fulgura o a'io corro de Jesus,  
tendo nas mãos e pés cira os de i rata ..

E as Nuv ns, — a imedas nebu osas, —  
ronham a s iês da luminosa Cruz,  
con o um bando de virgens vapor sas!

1915.

Mario de Lima



Quadro de MODESTO BROCO.

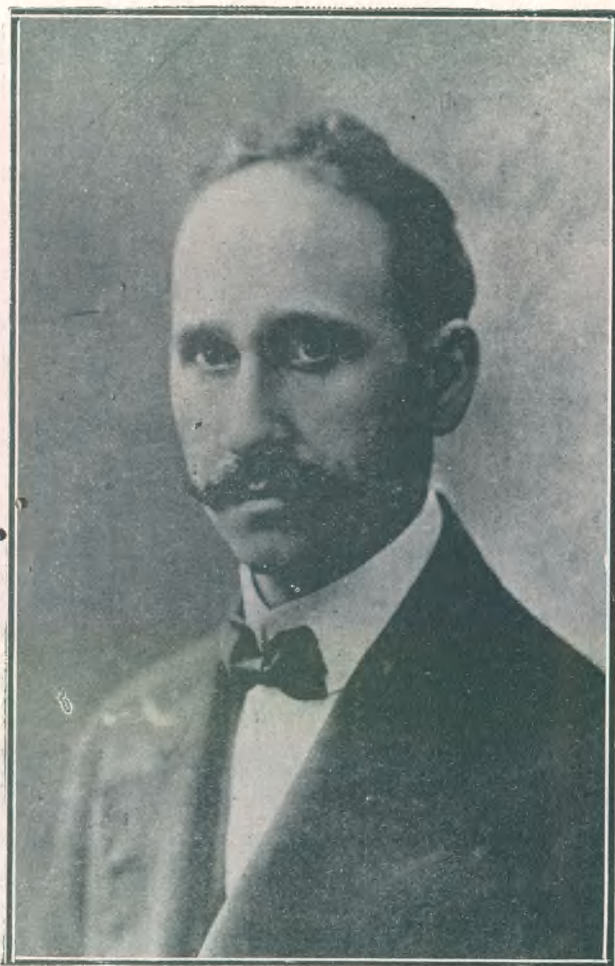




VISÕES DA GUERRA



Um general francez recebe flores de gentil rapariga alsaciana, em uma aldeia ultimamente tomada aos allemães.



**Dr. Vieira Marques**

Chefe de Polícia

No dia 27, sua data natalícia, o dr. Vieira Marques foi alvo das homenagens mais carinhosas de seus amigos e de quantos o admiram nesta Capital. De todo ponto merecidas foram essas homenagens, tratando-se de uma individualidade como a do actual chefe de Polícia, cuja intelligência, operosidade e serenidade de acção já agora são predicações que todos lhe reconhecem e proclamam com sympathia e respeito.

O seu relatório, recentemente apresentado ao Secretario do Interior, é um documento luminoso, capaz de dizer com eloquência dessas qualidades que tanto o recommendam á confiança e reverência do povo mineiro.

**"Opera"** de Paris, noite de alta gala. Pelo palco surge, trasladada pela magia das decorações, Verona ao luar, com seus castellos derruidos e seu ambiente de recolhimento que entenece e suggestiona.

Escada de sêda, luar, rouxinoes... Já perceberam... — Ro. eu e Julieta.

Pela plateia enlevada grassa um *snobismo* frivolo e brilhante, magnificado pelas exaltações interinas da arte. Todo Paris decotado, encasacado e *blasé* assiste ás sentimentalidades lamurientas hoje mantidas a monte-pio, dos dois typos piégas, sahidos do tabique shakspeareano...

Ha no ambiente que as *aigrettes* agitam com petulancia e maciesa, um perfumeo sabor capitoso de collos desnudos e braços emancipados das sêdas e brocados embaraçantes.

Cruzam-se irriquietsos os binoculos perscrutadores e maliciosos; e a convergencia maliciosa para um só ponto nos camarotes é notoria e de indiscreta persistencia.

Porque? — Dois typos surgem empolgantes e extranhos ás lentes ampliadoras dos binoculos. Um par original, pittoresco e desigual, com um pouco de burlesco e muito de originalidade... comquanto já commum nestes tempos em que Prometheu consegue a faísca do Olympo, sem a ultriz attitude vingadora dos deuses — para com ella accender o seu cigarro de fumo egypcio...

Ella, uma tenra flôr tentadora e espivitada, com todos os vicios e requintes que a civilisação lhe deu e todas as irregularidades





Ramalho Ortigão, o grande escriptor portuguez fallecido em Lisboa, no dia 27 do corrente.

morbidas que uma hereditariedade duvidosa lhe transmitiu.

Elle, solenne e perfumoso, com todas as medidas fidalgas e zelos meticulosos que caracterizam um rico *raté* ou um nobre arrebitado. Um velho ultra raffiné e gamenho, vivendo seu ridiculo com despalante dandysmo. Ella, irrequieta e perversa, fresca, viçosa debaixo dos carmins e da *maquillagem* que lhe davam uma aureola de viço satânico e adoravel—um aureo feixe, trançado de pequenos nadas e vasios que constituem o divino encanto da Eva de hoje.

Nelle a curiosidade lobrigava um vago passado de aventuras, baronato, sangue azul talvez... dividas e braços enferrujados... Nella, reticencias, innumeradas reticencias compromettedoras e fascinantes...

Passam-se as scenas. Uma ha em que Romeu, amoroso e commovido, declama ardente aos ouvidos de sua Julieta.

Genuflexo e tremulo, diz-lhe todo o seu amor, abraça, enleia e beija-a ardentemente. E o velho amoroso do camarote, valendo-se da scena, vira para a sua amada e, entre baboso e ardente, segreda :

—Então, filha, não haverá um dia em que, remoçado e fremente irei a teus pés prostrado, reproduzir aquella scena que o theatro está mentindo, mas que em nós ha de ser a expressão incontida do amor, um hymno de primavera ?

--Sim, sim... Ha de vir esse dia !— murmura meio esperançada a companheira.

—E em que havemos de plagiar e transcrever em letras de sangue essas palavras que já nos são tão perto e tão auspiciosas?

—Sim, sim, tão perto e tão auspiciosas !— geme quasi desolada a deliciosa metade. E ha de ser uma alleluia de sonho e de mocidade, uma hora de felicidade e de ardor quasi mortal...

—... Quasi mortal— surpira-lhe anciosa a soffredora presa.

No palco a scena já se acha no final. Todos deliram. O publico frenetico applaude em cascalhada de palmas. As galerias, que representam o quadrado do entusiasmo da plateia multiplicado pelo inverso do quadrado da friesa dos camarotes, pedem *bis* e todos as acompanham. E' *bisada* a scena.

O velho amoroso mantem-se calado e apprehensivo. Um suor frio corre-lhe pelo rosto aristocratico. E aos ouvidos lhe chega cruel uma feminina voz que lhe fere a orgulhosa altivez da velhice, e nessa voz elle distingue, timbrados com maliciosa gravidade, essas palavras, essas queixosas palavras de duvida e de desalento, que nenhuma biblia ainda registrou e constituem o triumpho da mocidade e o risosinho melancolico da velhice :

—Escuta : e si o publico, entusiasmado, te pedisse *bis* ?...



Os intelligentes meninos Miguel e Ivan, filhos do Sr. Desembargador Edmundo Lins

## Mila de Minas

**SERIAM** 2 horas da tarde, quando penetrou no edificio da Delegacia Fiscal um dos antigos felizardos tarefeiros da Central, hoje um martyrizado pela falta de pagamentos do governo federal.

— Ia receber dez contos. O coronel Emygdio Germano, com aquella sua bella figura militar, passeava nesse instante, coíando com as mãos as longas suissas brancas, no apertado recinto da Thesouraria, entre os grandes cofres vazios.

— Receber dez contos? O sr. está louco: hoje não poderia pagar dez mil réis...

E, sorrindo sympathicamente, o coronel continuou a acariciar os dous longos mólhos de barba que lhe escorrem dos queixos de cada lado.

O tarefeiro vendo perdida mais uma viagem á bocca do cofre, sahiu-se com esta, fructo de muita colera e ironia:

— Ora, era melhor, então, que o coronel arrancasse essas barbas...

— Porque? retorquiu, indeciso.

— Porque?

— Sim! Porque?

— Ora, é claro, clarissimo... *Pas d'argent, pas de... suisse.*



UM GRANDE FESTIVAL — Senhorita Annita Machado, talentosa musicista que tomou parte saliente na festa do Theatro Municipal, em beneficio das victimas da secca do Norte,



O illustrado Desembargador Aureliano de Magalhães, fallecido a 23 do corrente, uma das mais distinctas figuras do Tribunal da Relação deste Estado, onde foi sempre venerado pela sua vasta competencia e probidade.

Nos luminosos pareceres e nas sabias sentenças que proferiu, como sub-procurador geral do Estado e como integro magistrado, ha numerosas provas da brilhante illustração do admirado jurisconsulto.

A sua morte foi uma grande perda para Minas Geraes.





Fhot. J. M. R tes  
Senhorita Celia Ribeiro de Miranda, eximia musicista que tomou parte  
na testa artistica do Theatro Municipal



### Alexandre de Oliveira, fallecido, outro

dia, no Rio de Janeiro, acabava de fazer-se medico, depois de um curso de raro brilho. Filho do proprio esforço, trabalhando para estudar, — sobravam-lhe ainda vagares para a Poesia, em que Alexand e se revelou, desde cedo, artista acutangulo e primoroso.

Publicando-lhe o retrato e um dos seus sonetos, A VIDA DE MINHAS presta-lhe uma homenagem, que elle só fez por merecer.

## ARVORE!

Tua ancestral, fecunda, soberana!  
Tu que dás fructo, e égualhas os teus braços  
Para também dar sombra aos corpos lassos  
Dos peregrinos, desta vida insana;

Tu que és planta e mulher! Tu que és humana!  
Tú dáas allivio a todos os cansaços  
Como offeredes morte em mil abraços  
Nas tuas tranças vegetaes de liana?!..

Tu, cycômoro biblico e lendario!  
Tú dáas vida e morte em teu destino vario!  
Tú's throno e a cruz do adamico reinado!

Pelo teu tronco em harmonia infida,  
Corre o licor balsamico da Vida  
E torcicolla a serpe do Peccado!

Alexandre de Oliveira

XIII - IX - MCMXII.

(ALBANO FAPIO)



PELO MUNDO

JARDINS DE PARIS



O Luxemburgo. Ao fundo o palacio do Senado Francez.

**As** crianças, em cuja psychologia a cor verde exerce uma influencia preciosa e optimista, adoram os jardins. Tambem os velhos os amam; ahi se passam boas horas de sol e caminha-se mais lentamente.

Os namorados, procuram tambem os jardins, onde a sombra, num banco solitario, ao beijo é propicia, e onde a alma ingrata das fontes, misturando sua expressão á expressão tristonha das arvores — das arvores que no mesmo sitio nascem e morrem — enchem a voz e a alma da estranha melancolia do que se vae e do que fica.

—Eu sou a arvore e espero, sonha a mulher.

E o homem:

—Fonte que não pára:—meu sonho é o teu — andar...

E assim, Ella e Elle, mãos apertadas, suspiram.

Oh! Doce e extranha angustia!

Bem e de boa vontade chorariam, porque Ella sabe que fatalmente ha de descansar e Elle advinha que a fatalidade ha de arrastal-o.

A infancia, que não conhece ainda a luta pela vida; a velhice fatigada que não mais

peleja; os amantes, de tudo separados em virtude de sua paixão, buscam o silencio dos jardins e dos parques; porque esses verdes canteiros são a indulgencia, o descanso, a saúde: perdidos no emaranhado das ruas, são como notas dispersas da eterna symphonia dos campos.

Merece ser assinalado o intimo



Lago do Parque Monceau.



## Vida de Minas



Lago de Buttes de Chaumont

vinculo de cada parque ou jardim com o caracter do bairro que o circunda: dir-se-ia que nos jardins dos arrabaldes pobres as plantações são menos cuidadas e o matto cresce mais, ao passo que nos bairros opulentos tudo é harmonico e até as arvores adquirem linhas espeziaes de elegancia.

Em Paris, onde as distancias são enormes, é muito facil notar as differenças — não só as materiaes, ao alcance de qualquer apparelho photographico —, senão as mores que distinguem um jardim do outro.

É admiravel!

Cada um delles tem um aspecto caracteristico, um espirito, um magnetismo, uma conversação.

Uma conversação, sim!

Os *squares* de Montmartre não conhecem a correcção burgueza de seus irmãos os silenciosos *squares* de Paris; os Bosques de Bolognia não alcançam a exuberancia das selvas historicas de Saint-Germain; o jardinsinho estendido como um lençol ante as grades da egreja da Trindade ignora a melancholia, o recolhimento conventual dos castanheiros que crescem ao pé da torre de Saint-Jacques e o francez de que falam os Buttes de Chaumont e Montsouris ficaria escandalizado com os alamos do Trocadero. As Tulherias, são a infancia; os Campos Elysios, a aristocracia; Vincennes, a classe media; o Luxemburgo, o bairro Latino; a Universidade, a juventude estudiosa.

O jardim, por antonomasia nobre e elegante de Paris, é o parque de Monceau.

Nota-se-lhe, logo á entrada, tanta belleza natural, tanta ordem, tanta galanteria, tanto asseio, que os visitantes se felicitam de irem calçados de botinas de fino verniz.

«*De rasa le viene al galgo el ser rabi largo*» — ensina um proverbio que andava pela Hespanha muito antes de Darwin fixar as leis da hereditariedade; — e elle vem a proposito do parque de Monceau que, com a elevada linha-

gem de seus primitivos senhores, parece ter gravados os traços de sua primitiva distincção.

No fim do seculo XVII Monceau era uma villa dependente da Parochia de Clichez.

O opulento fazendeiro Grimod de la Requièrre adquiriu o senhorio de Monceau, e depois de largos gastos em seu embelezamento, vendeu ao famoso Roberto de Orléans, duque de Chartres,

Libertino e prodigo, grande devoto de mulheres, de musica e de dança, alegre, epicurista e amante da vida nocturna, fidalgo, em fim, Roberto de Orléans dispoz-se a construir um palacio e encarregou a Cadmontel do traçado de alguns jardins que logo foram conhecidos em Paris com o remoque: — a *loucura de Chartres*.

Monceau foi uma imitação ou uma parodia modesta mas feliz, do celebre «*Parque dos Veados*» de Versailles.

Cadmontel demonstrou que seu bom gosto e seus conhecimentos na arte de jardins eram demasiado superiores a seu prestigio e renome, apesar de serem estes consideraveis.

Mais do que o palacio, prendia a attenção do visitante o jardim. Havia reunidos alli um templo de estilo grego do qual ha ainda de pé algumas columnas; repuchos de marmore, obeliscos, grutas saturnaes, escondrijos nemorosos dispostos como para que nelles revivesse o idyllio de Daphnis e Chloe; e finalmente um kiosque solitario ao qual vinham á noite por uma porta secreta as *grandes impuras da Capital*, segundo as palavras de um indulgente chronista da epoca.

Aquella grandeza longinqua e outras não menos illustres que vieram depois, deixaram em Monceau um indefinivel perfume de elegancia e de paganismo.

Monceau é alegre e correcto; tem a aristocracia de um vestido de baile ou de um traje de frack.

Castanheiros frondosos, acacias cheias de murmurios suaves, loureiro de uma cor distincta crusam suas ramas sobre a cabeça dos que passeiam pelos caminhos de arêa fina e dourada. Ha rincões para os namorados, gramados verdes como esmeraldas e cheios de sol para as creanças, e logares frequentados, onde a velhice se diverte em dar de comer aos cysnes.

Ha estatuas de bronze e Venus de marmore; ha tanques tão transparentes, tão limpidos, que em seu crystal vemos passar as nuvens, e pequenos arroios ensombrados de nenuphars, bellos e languidos como virgens enfermas; ha troncos mortos, troncos seccos, irrompendo de velhas pedras que trazem ao espirito o temor das grandes paixões; ha sobre as herves humidas e verdes, cuidadosamente podadas, centenaes de pombas brancas que arrulam lasciv-



## Viagem de Minas

vas e torcem a cabeça para cravar no passeiante, seus olhos rosados.

E' o consorcio feliz da natureza com a arte.

Seguindo deliciosos passeios, acercamo-nos dos monumentos de Ambrosio Thomaz e de Gounod, collocados, como por serem musicos, junto á infundavel melodia de uma fonte; examinamos cheios de recordações literarias, a cabeça militar de Guy de Manpassant; dedicamos enfim alguns instantes de contemplação admirativa, ao marmore genial que Froment Memice consagrou á inspiração de Chopin.

Ah! a admiravel escultura! As mãos do auctor da *Marcha Funebre* apoiam-se nervosamente sobre o teclado de um piano; nma mulher descalça sentada sobre o sólo, escuta na attitude de quem lembra alguma cousa, levantando uma das mãos; ao fundo, em baixo relevo, a musa da inspiração e da Melancholia — a que inspirou aquellas velhas masarkas que os nossos avós dansaram — passa entre nuvens offerecendo uma flor ao artista...

No parque de Monceau tudo é selecto: Monceau é Hervien, Savedan, Donnay.

Os magnificos jardins do Luxemburgo apresentam uma physionomia bastante distincta; o Luxemburgo, cheio de luz, grande e um tanto desproporcionado, com enorme movimento, é o passeio predilecto dos estudantes e das pequenas operarias; é, enfim, o Luxemburgo, em cujos bancos ha sempre alguém com um livro aberto.

A fundação desse parque, um dos mais bellos de Paris, remonta á decima sexta centuria; passou a ser propriedade de Maria de Médicis em 1612, pouco depois do fallecimento de Henrique IV o «rei galante».

A mãe de Luiz XIII dedicou bastante tempo e muito dinheiro com o fim de embellezal-o e Rubens foi um dos grandes pintores chamados para ornamentar as galerias do palacio.

Seguindo para o desterro, aquella grande rainha deixou esse esplendido jardim para Gaston de Orléans.

Uma lenda nunca interrompida de aventuras amorosas está ligada a este nome glorioso.

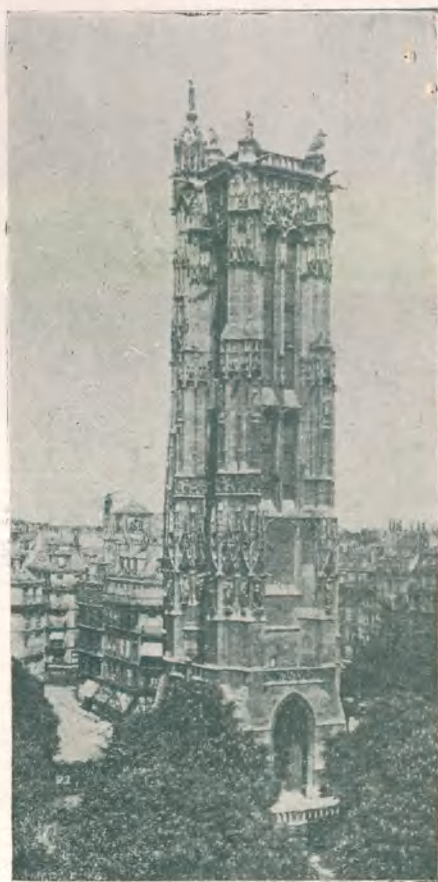
Por ali passaram uma Montpensier, Elisabeth de Guisa, Luiz XIV, a pequena Duqueza de Beny...que--segundo o ironista Duclos para descer de noite ao jardim com liberdade, mais necessitava de cumplices que de testemunhas, ordenando por isso que se fechassem todas as portas menos a principal.

Mais adeante Jacob Derbrosres aclarou o parque derribando, sem respeito, mesmo as arvores plantadas pelas augustas mãos de Maria de Médicis.

A revolução converteu o palacio em carcere e dahi sahiram para a guilhotina Danton, Dés-moulins, Lacroix etc. Depois, o Directorio ali se estabeleceu restituindo todo o esplendor primitivo a essa casa memoravel.

Finalmente, tornou a ser patrimonio do povo. Hoje, nessa porção de terra por onde passaram para a cidade tantos pés nervosos de mulher, a imaginação fica como que cansada, com esse cansaço de quem vê bem longe as festas ruidosas. Nas alamedas largas e bem claras do celebre jardim, impera o silencio. Canto de passaros, poucos ninhos e, raramente, um par de amantes ou um rapaz de melenas encrespadas fumando cachimbo e levando um livro debaixo do braço...

O parque denominado de Buttes de Chau-



A famosa torre de Saint-Jacques

## Álma de Minas

mont é mais accidentado, sem lagos de bordas irregulares. Suas collinas dão-lhe um aspecto selvagem. O publico que o frequenta visinho de Menilmontant é composto de pequenos burguezes e de operarios, rostos sanguineos, trajas baratos, sapatos de grossas sollas, mulheres de apparencia honesta e de mantos que caminham empurrando um carrinho onde uma creança dorme... Em Buttes de Chaumont, como em Montsouris, - assim chamado pelo grande numero de ratos que ali houve em outro tempo, pôde-se atirar papel ao chão sem que os guardas nos chamem a attenção; pode a creança trepar as arvores, as mulhe-

res ficar em camisa para dormir á sêsta, sobre a herva, depois do almoço, e os maridos têm direito de arrancar os sapatos e ficar em mangas de camisa.

As Buttes de Chaumont são cordeaes e castas: são a familia....

Nada predispõe tanto ao amor; nada leva tanto o nosso animo ao bem, á alegria, á generosidade, como a Natureza: uma arvore, uma fonte, um passaro que canta sem ser visto...

Leitor amigo, procura sempre que a primeira entrevista que tiveres com uma mulher seja num jardim.

Edmundo Zamacoës.

Paris-Junho



Monumento de Chaupin





## Macaco azul

Aluisio de Azevedo

Hontem, mexendo nos meus papeis velhos, encontrei a seguinte carta:

"Caro senhor,

Escrevo estas palavras possuído do maior desespero. Cada vez menos esperança tenho de alcançar o meu sonho dourado—O seu macaco azul não me sae um instante do pensamento! E' horrivel! Nem um verso!

Do amigo infeliz

*Paulino"*

Não parece um disparate este bilhete?

Pois não é. Ouçam o caso e verão!

Uma noite—isto vae ha um bom par de annos—conversava eu com o Arthur Barreiros no largo da Mãe do Bispo, a respeito dos ultimos versos então publicados pelo conselheiro Octaviano Rosa, quando um sujeito, de fraque côr de café com leite, veio a pouco e pouco, aproximando-se de nós e deixou-se ficar a pequena distancia, com a mão no queixo, ouvindo attentamente o que conversavamos.

—O Octaviano, sentenciou o Barreiros, o Octaviano faz magnificos versos, lá isso ninguem lhe pôde negar! mas, tem paciencia! o Octaviano não é poeta!

Eu sustentava precisamente o contrario, afirmando que o applaudido Octaviano fazia maus versos, tendo aliás uma verdadeira alma de poeta, e poeta inspirado.

O Barreiros replicou, accumulando em abono da sua opinião uma infinidade de argumentos de que já me não lembro.

Eu trepliquei firme, citando os alexandrinos errados do conselheiro,

O Barreiros não se deu por vencido e exigiu que eu lhe apontasse alguem no Brasil que soubesse architectar alexandrinos melhor que S. Ex.<sup>cia</sup>

Eu respondi com esta phrase esmagadora:

—Quem? Tu!

E acrescentei, dando um piparote na aba do chapéo e segurando o meu contendor, com ambas as mãos pela golla do fraque:

—Queres que te falle com franqueza?... Isto de fazer versos inspirados e bem feitos; ou, por outra: isto de ser ou não ser poeta, depende unica e exclusivamente de uma coisa muito simples...

—O que é?

—E' ter o segredo da poesia! Se o sujeito está senhor do segredo da poesia, faz, brincando, a quantidade de versos que entender, e todos bons, correctos, faceis, harmoniosos; e, se o sujeito não tem o segredo, escusa de quebrar a cabeça! pôde ir cuidar de outro officio, porque com as musas não arranjará nada que preste! Não és do meu parecer?

—Sim, nesse ponto estamos de pleno accordo, conveio o Barreiros. Tudo está em possuir o segredo!...

E, tomando uma expressão de orgulho concentrado, rematou, abaixando a cabeça e olhando-me por cima das lunetas:—Segredo que qualquer um de nós dous conhece melhor que as palmas da propria mão!...

—Segredo que eu me preso de possuir, como até hoje ninguem o conseguiu, declarei convicto.

E com esta phrase me despedi e separei-me do Arthur. Elle tomou para os lados de Botafogo, onde morava, e eu desci pela rua da Guarda Velha.

Mal dera sosinho alguns passos, o tal sujeito de fraque côr de café com leite aproximou-se de mim, tocou-me no hombro, e disse-me com summa delicadeza:

—Perdão, cavalheiro! Queira desculpar interrompel-o. Sei que vae estranhar o que vou dizer, mas...

—Estou as suas ordens. Pode fallar.

—E' que ainda ha pouco, quando o senhor conversava com o seu amigo, affirmou a respeito da poesia certa coisa que muito e muito me interessa... Desejo que m'a explique...

Bonito! pensei eu. E' algum parente ou algum admirador do Conselheiro Octaviano, que vem tomar-me uma satisfação! Bem feito! Quem me manda a mim ter a lingua tão comprida?..

—Entremos aqui no jardim da fabrica, propoz o meu interlocutor; tomaremos um copo de cerveja enquanto o senhor far-me-á o obsequio de esclarecer o ponto em questão.

O tom destas palavras tranquilisou-me em parte. Concordei e fomos assentar-nos em volta de uma mesinha de ferro, defronte de dous chopos, por debaixo de um pequeno grupo de palmeiras.

—O senhor, principiou o sejeito, depois de tomar dois goles do seu copo, declarou ainda ha pouco que possue o segredo da poesia... Não é verdade?...

Eu olhei para elle muito serio, sem conseguir perceber onde diabo queria o homem chegar.

—Não é verdade? insistiu com empenho. Nega que ainda ha pouco declarou possuir o segredo dos poetas?

—Gracejo!... Foi puro gracejo de minha parte... respondi, sorrindo modestamente. Aquillo foi para mexer com o Barreiros, que—aqui para nós —na prosa é um purista, mas que a respeito de poesia, não sabe distinguir um alexandrino de um decasyllabo. Tanto elle como eu nunca fize-

—O' senhor! por quem é não negue! falle com franqueza!

—Mas juro-lhe que estou confessando a verdade...

—Não seja egoista!

E o homem chegou a sua cadeira para junto de mim e segurou-me uma das mãos.

—Diga! supplicou elle, diga por amor de Deus qual é o tal segredo; e conte que, desde esse momento, o senhor terá em mim o seu amigo mais reconhecido e devotado!

—Mas, meu caro senhor, juro-lhe que...

O typo interrompeu-me, tapando-me a bocca com a mão, e exclamou de veras commovido:

—Ah! Se o senhor soubesse; se o senhor pudesse imaginar quanto tenho até hoje soffrido por causa disto!

—Disto o que? A poesia?

—E' verdade! Desde que me entendo, procuro a todo o instante fazer versos!... Mas qual! em vão consumo nessa luta de todos os dias os meus esforços e as minhas mais profundas concentrações!... E' inutil! Todavia, creia, senhor, o meu maior desejo, toda a ambição de minha alma, foi sempre, como hoje ainda, compor alguns versos, poucos que fossem, fracos muito embora; mas, com um milhão de raios! que fossem versos! e que rimassem! e que estivessem metrificados! e que dissessem alguma cousa!

—E nunca conseguiu?... interrompuei, sinceramente pasmo.

—Nunca! nunca! Se o metro não sae mão, é a idéa que não presta; e se a idéa é mais ou menos acceitavel, em vão procuro a rima! A rima não chega nem a mão de Deus Padre! Ah! tem sido uma campanha! uma campanha sem treguas! Não me farto de ler os mestres; sei de côr o compendio do Castilho; trago na algibeira o Dicionario de consoantes; e não consigo um soneto, uma estrophe, uma quadra! Foi por isso que pensei cá commigo: "Quem sabe se haverá algum



mysterio, algum segredo, nisto de fazer versos?... algum segredo, de cuja posse dependa em rigor a faculdade de ser poeta?..." Ah! e o que não daria eu para alcançar semelhante segredo?!... Matutava nisto justamente, quando o senhor conversando com o seu amigo, affirmou que o segredo existe com effeito, e melhor ainda, que o senhor o possui, podendo por conseguinte transmittil-o adiante!...

—Perdão! perdão! O senhor está enganado, eu...

—Oh! não negue! Não negue por quem é! O senhor tem fechada na mão a minha felicidade! Senão quer que eu enlouqueça confie-me o segredo! Peço-lhe! supplico-lhe! Dou-lhe em troca a minha vida, se a exige!

—Mas, meu Deus! o senhor está completamente illudido!... Não existe semelhante cousa!... Juro-lhe que não existe!

—Não seja máo! Não insista em recusar um obsequio que lhe custa tão pouco e que vale tanto para mim! Bem sei que ha de prezar muito o seu segredo, mas dou-lhe a minha palavra de honra como me conservarei digno delle até a morte! Vamos! declare! falle! diga logo o que é, ou nunca mais o largarei! nunca mais o deixarei tranquillo! Diga ou serei eternamente a sua sombra!

—Ora esta! Como quer que lhe diga que não sei de semelhante segredo?!

—Não m'o negue! por tudo o que o seu coração mais ama neste mundo!

—O senhor tomou a nuvem por Juno! Não comprehendeu o sentido de minhas palavras!

—O segredo! O segredo! O segredo! Perdi a paciencia. Ergui-me e exclamei disposto a fugir:

—Quer saber o que mais?! Vá para o diabo que o carregue!

—Espere, senhor! Espere! Ouça-me por amor de Deus!

—Não me aboreça! Ora bolas!

—Hei de perseguil-o até alcançar o segredo!

E, como de facto, o tal sujeito acompanhava-me logo com tamanha insistencia, que eu para ver-me livre delle, prometti-lhe afinal que lhe havia de revelar o mysterio.

No dia seguinte já lá estava o demonio do homem defronte da minha casa e não me largava a porta.

Para o restaurant, para o trabalho, para o theatro, para toda parte, acompanhava-me aquelle implacavel fraque côr de café com leite, a pedir-me o segredo por todos os modos, de viva voz, por escripto e até por mimica, de longe.

Eu vivia já nervoso, doente com aquella obsessão. Cheguei a pensar em queixar-me á policia ou emprehender uma viagem.

Occorreu-me, porem, uma idéa feliz, e mal a tive disse ao typo que estava resolvido a confiar-lhe o segredo.

Elle quasi perde os sentidos de tão contente que ficou. Marcou-me logo uma entrevista em logar seguro; e á hora marcada, lá estavam os dois.

—Então, que é?... perguntou-me o monstro, esfregando as mãos.

—Uma cousa muito simples, segredei-lhe eu. Para qualquer pessoa fazer bons versos seja quem fôr, basta-lhe o seguinte: — Não pensar no macaco azul—Está satisfeito?

—Não pensar no...?

—Macaco azul. Abstrahir do espirito, completamente, a idéa do macaco azul!

—Macaco azul? O que é o macaco azul...?

—Pergunta a quem não lhe sabe responder ao certo. Imagine um grande simio azul ferrete, com as pernas e os braços bem compridos, os olhos pequeninos, os dentes muito brancos, e ahí tem o senhor o que é o macaco azul.

—Mas o que ha de commum entre esse mono e a poesia?...?

## Viola de Minas

—Tudo, visto que, em quando o senhor estiver com a idéa no macaco azul, não póde compor um verso!

—Mas eu nunca pensei em semelhante bicho!...

—Parece-lhe; é que ás vezes a gente está com elle na cabeça e não dá por isso.

✚—Pois hoje mesmo vou fazer a experiencia... Ora quero ver se desta vez...

—Faça e verá!

No dia seguinte, o pobre homem entrou-me pela casa como um raio. Vinha furioso.

—Agora, gritou elle, é que o diabo

do bicho não me larga mesmo! E' pegar eu na penna, e ahi está o maldicto a dar-me voltas ao miolo!

—Tenha paciencia! Espere alerta a occasião em que elle não lhe venha á idéa e aproveite logo para escrever seus versos.

—Ora! Antes o senhor nunca me fallasse no tal bicho! Assim, nem só continuo a não fazer versos, como ainda quebro a cabeça de ver se consigo não pensar no demonio do macaco!

E foi nestas circumstancias que Paulino me escreveu aquella carta.



Mme -- José, tú dirás a meu marido que fui ver a mamãe.  
José -- (à parte) é uma nova visita «a parente».



# Loterias do Estado de Minas Geraes

**Plano que vae ser executado aos sabbados,  
desde 9 de Outubro proximo.**

|                           |             |
|---------------------------|-------------|
| 6 premios de 5:000\$..... | 30:000\$000 |
| 5 premios de 2:000\$..... | 10:000\$000 |
| 5 premios de 1:000\$..... | 5:000\$000  |
| 10 premios de 500\$.....  | 5:000\$000  |
| 35 premios de 200\$.....  | 7:000\$000  |
| 3000 premios de 5\$.....  | 15:000\$000 |
| Em premios Rs.....        | 72:000\$000 |

**Plano que vae ser executado diariamente,  
menos aos sabbados,  
a começar em 11 de Outubro proximo.**

Os bilhetes são emittidos a 2\$700, divididos em terços a \$900, para que os auxiliares possam vendel-os a 3\$ o inteiro e 1\$ cada terço.

O primeiro terço confere:

|                                                 |               |
|-------------------------------------------------|---------------|
| 1 premio de .....                               | 6:000\$       |
| 2 premios de 300\$ para<br>as approximações.... | 600\$         |
|                                                 | <hr/> 6:600\$ |

O segundo terço dá direito ao premio de 600\$ si os tres ultimos algarismos finaes corresponderem aos tres ultimos do numero premiado.

O terceiro terço dá direito a 20\$ para os 2 ultimos algarismos do numero premiado e suas correspondentes approximações.

# Instituto Profissional

Direcção de Mme. Penelope Pierruccetti, membro do jury superior da Exposição de Turim, onde obteve o Primeiro Premio e de Mme. Elysetta.

Amanhã, 2 do corrente, installar-se-á nesta Capital, provisoriamente á rua da Bahia, 1.398, á rua dos Carijós e na Serra, o Instituto Profissional, modelado pelos melhores de seus congeneres da Europa

Dispondo de professoras de primeira ordem, habilmente seleccionadas, esse novo estabelecimento abrangerá um programma multiplo, ministrando ás suas alumnas conhecimentos de toda a natureza, que lhes sejam indispensaveis na vida, que as tornem aptas para vencer todas as difficuldades e dirigir seus negocios, independentes de tutelas. Assim, pois, além de trabalhos de costura, desde a mais simples peça ao mais complicado artefacto, do vestido caseiro á grande *toilette*, elegante e artistica, serão tambem ensinados trabalhos em flores, bordados de todas as qualidades, pintura, musica, linguas, arte culinaria, hygiene domestica, etc. enfim, tudo que for necessario para a formação da actual dona de casa, habilitando-a a cumprir, dessa maneira, a sua dignificadora missão.

Amanhã, abrem-se as matriculas, devendo as candidatas effectuar o pagamento assim: metade no acto da matricula e a outra metade do fim de sua aprendizagem, isto é, quando esta se completar



Mme. Penelope Pierruccetti

No curso de costuras, 100\$000. De outros cursos, 5\$000 por materia. As aulas serão dadas: ás terças e sextas, á rua da Bahia, 1.398. A's segundas e quartas, á rua dos Carijós. A's quintas e sabbados, na Serra.

Acceptam-se pensionistas internas, que serão cercadas de todo o desvelo e tratadas com todo o carinho.



Fabrica de bebidas

**GUARANY**

DE

**João Bonino**

Rua dos Tamoyos n. 1034

BELLO HORIZONTE

## Revista Commercial

Publicação mensal de grande tiragem

Dedicada ao commercio,  
industria, sciencias, artes e  
agricultura.

PROPRIETARIOS

Soares, Peres & Comp.

RED. - RUA DA BAHIA, 98

1.º andar

## Casa Moreno

**Moreno Borlido & C.**

Unico deposito de cirurgia, artigos dentarios, optica, cutilaria fina, fundas, aparelhos para desinfeção, desinfectantes, perfumarias, serums dos Institutos Butantan e Manguinhos, fermento Bulgaro, aparelhos para laboratorios e accessorios para pharmacia.

Rua da Bahia n. 1044

Bello Horizonte

Casa Matriz Rua do Ouvidor, 142

RIO

## Papelaria Beltrão

**LIVRARIA**

Officinas completas de typographia, encadernação,  
pautação, etc.

Fabrica de livros

em branco e carimbos de borracha. Sortimento completo de todos os artigos de seu ramo.

**VENDAS POR ATACADO E A VAREJO**

IMPORTAÇÃO DIRECTA

**RUAS ESPIRITO SANTO E CARIJÓS**

BELLO HORIZONTE

# La Mode Elegante

Les jolies coiffures

POR

Mme. ADRIENNE



Especialidade em postigos modernos  
Cabellos finissimos com ondeado natural  
Especialidade de tinturas castanhos e louros  
Confeccionam-se postigos com o cabelo cahido da  
propria pessoa

CHAMADOS A DOMICILIO

Rua da Bahia 893

TELEPHONE, 467

BELLO HORIZONTE



# Loteria do Estado de Minas

Jogam apenas 5.000 numeros

PRIMEIRA EXTRACÇÃO

11 DE SETEMBRO PROXIMO

PLANO

|                                  |             |
|----------------------------------|-------------|
| 1 Premio de . . . . .            | 20:000\$000 |
| 500 terminações a 20 % . . . . . | 10:000\$000 |
| 1 premio de . . . . .            | 5:000\$000  |
| 1 » de . . . . .                 | 2:000\$000  |
| 2 » de um conto . . . . .        | 2:000\$000  |
| 4 » de 500\$000 . . . . .        | 2:000\$000  |
| 50 » de 200\$000 . . . . .       | 10:000\$000 |
| 45 » de 100\$000 . . . . .       | 4:500\$000  |
| 90 » de 50\$000 . . . . .        | 4:500\$000  |
| Somma . . . . .                  | 60:000\$000 |

O custo do bilhete inteiro é de 20\$000, dividido  
em vigesimos de 1\$000

Extracções : Rua da Bahia n. 1.155

às 3 horas da tarde

Agencia geral: Avenida Alvares Cabral, 275

SOBRADO

# Banco Hypothecario e Agricola

DO

Estado de Minas Geraes

## DEPOSITOS

Continúa o Banco a receber depositos em  
conta corrente de aviso, ao ju-ro de 5% an-  
nuaes, capitalisados semestralmente.

O maximo desses depositos fica  
elevado a

**20:000\$000**

para cada depositante, em vez de

**10:000\$000**

**COMO ACTUALMENTE**

Contas de movimento, com  
deposito de qualquer quantia exigivel á vista,

**3% AO ANNO**



# ALFAIATARIA

—♦— DE —♦—

E. Wilke



**Encontra-se sempre um  
variado sortimento de  
fazendas finas e padrões  
modernos**

Trabalha-se com perfeição  
e elegancia,  
por preços modicos



AV. AFFONSO PENNA, 791

BELLO HORIZONTE

# CASA BENJAMIM



IMPORTADORES E EXPORTA-  
DORES — MOLHADOS E GE-  
NEROS DO PAIZ — VENDAS  
POR ATACADO E A VAREJO

DEPOSITO DE ASSUCAR REFI-  
NADO E FILTRADO DA SUA  
REFINARIA BRAZIL ☉ ☉ ☉

Rua dos Caetes N. 626  
Bello Horizonte

DEPOSITARIOS D A S AGUAS  
MINERAES CAMBUQUIRA, A  
RAINHA DAS AGUAS ☉ ☉

MANTEIGA MINEIRA DA COM-  
PANHA CURVELLANA — CI-  
MENTO FRANCEZ E DYNAMITE  
CHEDITE ☉ ☉ ☉ ☉

Telephone, 127

*Magalhães & Comp.*

Successores de J. Benjamim



# High - Life

Confeitaria, Restaurant e Bilhares

— DE —

J. R. Freitas & Comp.

*Neste optimo estabelecimento commercial, que acaba de passar por uma reforma completa, o unico capaz de attender escrupulosamente ao publico mais exigente, não só pelo conforto e asseio que se notam ali, como pela sua rigorosa ordem no serviço, encontram-se sempre: conservas finas, biscoitos, doces finissimos, seccos e em calda, pasteis, empadinhas, confeitos, balas, bebidas de primeira, fumo, cigarros e charutos.*

*Acceitam-se encommendas para casamentos, baptisados, bailes, etc.*

**BELLO HORIZONTE**

Rua da Bahia, 1.060 - Telephone, 361

# Casa Confiança

Avenida Affonso Penna, 522 — Teleph. 596

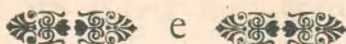
FAZEI compras somente na

\*\*\* CASA CONFIANÇA \*\*\*

Vendas a prestações com entrega  
immediata sem exigencia de FIADOR

Prestações de 10 % sobre o  
valor da compra

Especialidade em moveis de toda  
especie, casimiras inglezas e francezas



TERNOS SOB MEDIDA

MAXIMA PONTUALIDADE NA \*\*  
\*\*\* ENTREGA DAS COMPRAS

Lerman, Klein & C.  
BELLO HORIZONTE





**CASA GIACOMO**

A mais importante agencia de  
publicações nacionaes e extran-  
geiras do Estado de Minas

**Giacomo Aluotto & Irmão**

JORNAES,  
REVISTAS  
E  
FIGURINOS

Agentes exclusivos dos principaes  
diarios e revistas do Rio e  
São Paulo, para os quaes recebem  
assignaturas sem commissão.

**VENDA AVULSA**

**SECÇÕES DE LOTERIA E FUMOS**

CASA MATRIZ:

**Rua da Bahia, 860**

FILIAES:

*Rua da Bahia, 936 — Rua Caetés  
n. 662 — Praça da Estação, 230*

**BELLO HORIZONTE**



# A Industrial

GRANDE SERRARIA

MARCENARIA E OFFICINA

DE

CARPINTARIA

MOVIDA A ELECTRICIDADE

Garcia de Paiva & Pinto

CONSTRUCTORES

Madeiras e materiaes de construcções

DEPOSITO E ESCRIPTORIO

AVENIDA TOCANTINS N. 809

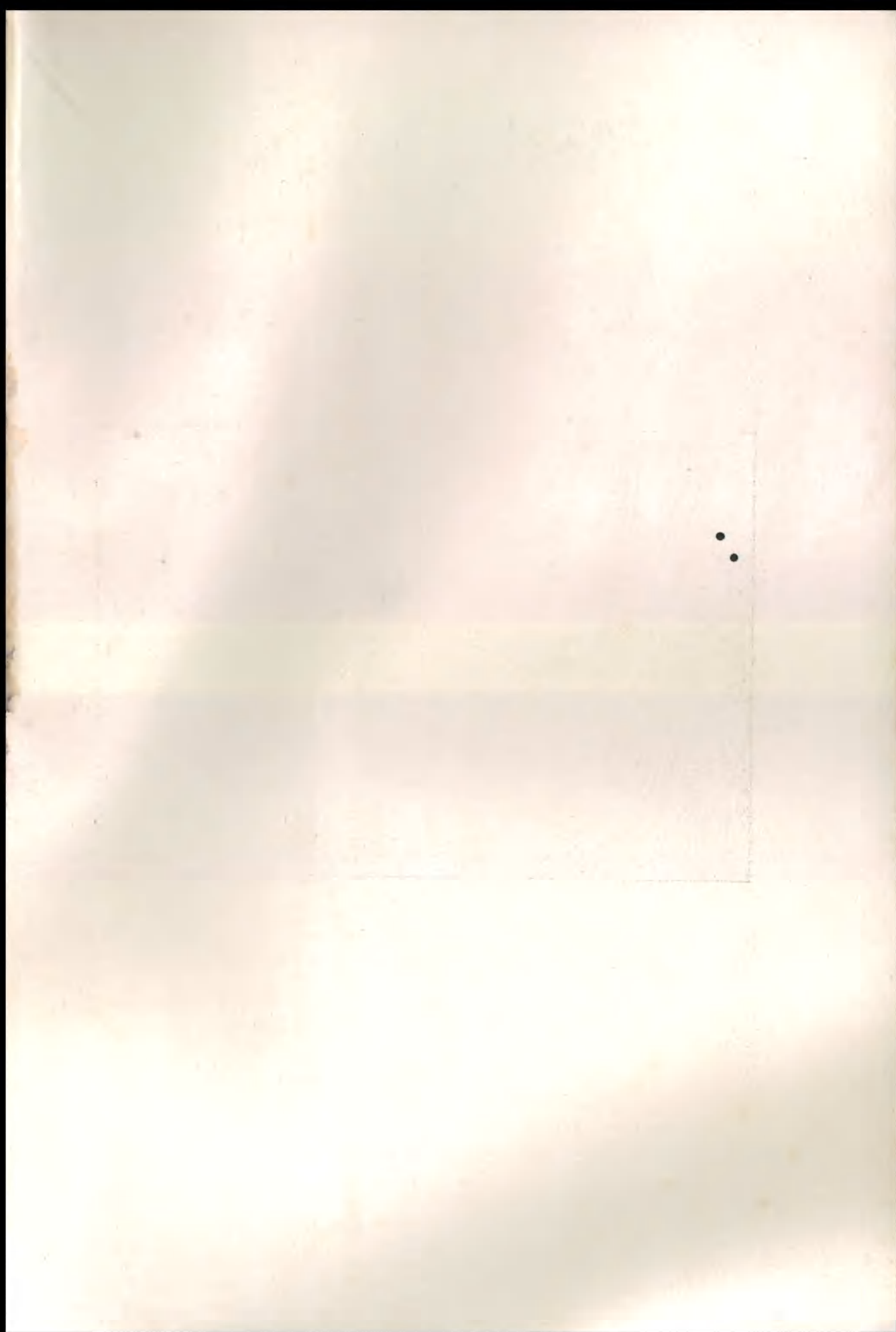
TELEPHONE N. 156



**BELLO HORIZONTE**







# Casa Doublet

GRAND SALON DE COIFFEUR

Salão para homens

O maior e o mais bem instalado da Capital

Apparelhos antisepticos para esterilisação dos utensilios em uso



Especialidade em côrtes de cabellos de crianças

CHAMADOS A DOMICILIO

RUA DA BAHIA, 893

TELEPHONE, 467

**BELLO HORIZONTE**